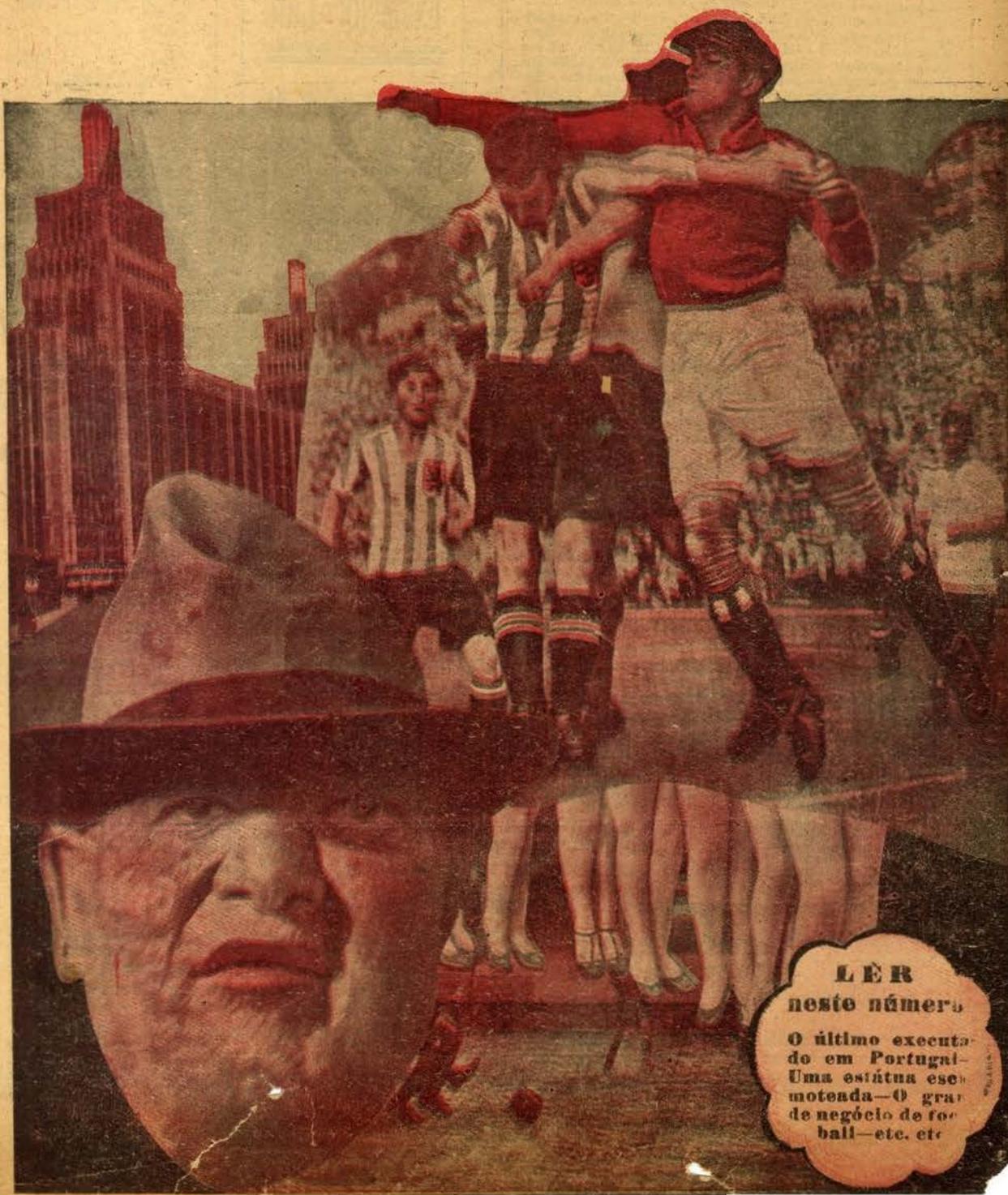


Reportagem

Semanário
das grandes reportagens

5 de Fevereiro de 1938

Preço: 1 ESCUDO



LER
neste número

O último executado em Portugal—
Uma estátua esquecida—O grande
negócio do futebol—etc. etc.

Comptoir Maritime Franco-Portugais, L.da

SUCESSEUR DE

DIOGO JOAQUIM DE MATTOS

SIÈGE SOCIAL—PORTO—7, RUA DA NOVA ALFANDEGA

LISBONNE—36, CAES DO SODRÉ

PARIS—3, RUE LA FÖETIE

MADÈRE—PRAÇA MARQUEZ DE POMBALE—CAIXA POSTAL N.º 13

TÉLÉGRAMMES { PORTO . . . Chargeurs
LISBONNE . . .
MADÈRE . . .
PARIS . . . Portugop

TÉLÉPHONES { 99 ESTADO
PORTO: 2925 ET 2926
LISBONNE: 27345 ET 27346
PARIS: ANJOU 14-93

AGENT DES:

Compagnie «Chargeurs Réunis»—Compagnie «Sud-Atlantique»—Compagnie des «Messageries Maritimes»—Société de Navigation «France-Indo Chine»—«Worms & Co.»—«Compagnie Havraise Peninsulaire»—«Michael Murphy, Ltd.»—«Cie Marseillaise de Nav. à Vapeur «Fraisinet»—Société «Les Armateurs Français»—«Cie de Commerce et de Nav. d'Extrême Orient»—«Maurel Frères»—«Ch. Valron & Cie.»—«Cosmopolitan Shipping Co.»—«Consortium Maritime Franco-Américain»—Société «Chargeurs de L'ouest»—«Société Maritime Nationale»—«Compagnie Auxiliaire de Navigation»—«Marine Nationale Française»—«Delmas Frères & Vieljeux»—«Les Consignataires Réunis»—«Compagnie Nationale de Navigation»—«Société Commerciale d'Affrètements & de Commission»—«Société Commerciale de L'ouest Africain»—«Société Générale de Houilles & Agglomérés»—«Société Commercial Bordelaise de Houilles & Agglomérés»—«Yacht Club de France»—«Cie Internationale des Wagons Lits (Colls Messageries)»—«Comité Central des Armateurs de France»—«Bureau Veritas»—«Ligue Maritime et Coloniale Française»—etc., etc.

TRANSIT, COMMISSIONS, CONSIGNATIONS, ETC.

Kendall, Pinto Basto & C.ª, L.ª

12, RUA DA NOVA ALFANDEGA

PORTO Tel. 370 e 470

Agentes de Navegação, Transitos e Seguros. Serviço de paquetes rapidos entre Lisboa e New-York.

Correspondentes da Companhia de Seguros Royal

Fornecimento de carvão das Minas do Almirantado

Excelsior Café

Eis o café melhor frequentado do Porto. A par da sua bela situação serve um saborosissimo café, capaz de fazer dar estalos com a lingua, aos mais exigentes apreciadores. — R. SÁ DA BANDEIRA

Porto

V. Ex.ª vem ao Porto?

Tome um conselho:

Visite a CASA DO PRETINHO

na Cancela Velha, 15, 17 e 19, onde encontrará a maior especialidade em café, chá e diversos artigos de primeira qualidade

E não esqueça a CASA DO PRETINHO

“GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927 Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA», devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matematica e esta é uma lei. O que os segurados devem exigir é a donidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA», tem a esculda do seu passado.

SEDE

Rua Ferreira Borges, 37—P. RTO (EDIFICIO PROPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14

Casa Bancaria Souza, Cruz & C.ª, L.ª da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71 (EDIFICIO PROPRIO)

Papeis Tipos Tintas Maquinas

Todos os accessorios para as artes graficas. Importação directa das principaes fabricas — alemãs. —

Polonio Basto & C.ª

Rua das Oliveiras, 63165 PORTO

TELEF. 4478

Agência A PORTUENSE

Das mais antigas de Portugal

PASSAGENS E PASSAPORTES

HONESTIDADE

E COMPETENCIA

Fornecem-se todos os esclarecimentos por correspondência a quem == os pedir. ==

TELEFONE, 123

R. do Corpo da Guarda, 15 PORTO

Vem ao Porto???

Não esqueça visitar a

CONFETARIA CHIC

PRAÇA DA BATALHA (Ao lado do Cinema Aguia d'Ouro)

O SEU PROPRIETARIO

Adriano Dias da Silva oferece a V. Ex.ª Lanches, esmerado serviço de pastelaria e a ginja de Lisboa.

Não esqueça visitar a CONFETARIA CHIC

Depositario dos Vinhos e Gazosas da Anadia

29, Praça da Batalha, 31 Aberto até ás 2 horas da manhã Telefone 5262

Grande Hotel da Batalha

Sociedade Exploradora do Grande Hotel da Batalha

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

TELEFONE, 1247

Praça da Batalha — PORTO

Um dos mais bem situados do Porto

Perto dos Correios e Telegrafos—Electricos para todos os pontos da cidade

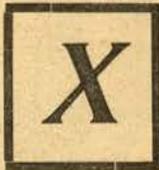
Completamente modernizado.—Primoroso serviço de mesa.—Esplendida sala de jantar.—Banhos.—Água em todos os quartos.—Espaçosa sala para grandes banquetes.—Almoços e Jantares.—Preços modicos para familias e pensionistas.—Telefone para toda a rede do Paiz.

Administrador: MANOEL CAETANO FERRAZ

Homens & Factos do Dia

O homem que queria ser "X"

pelo Reporter X



VIVEMOS numa época de insatisfeitos, de aspirações impossíveis, de utopias, d'invenções e ciameiras. As loiras querem ser morenas; os engenheiros, músicos; os sapateiros, poetas; os mudos, cantores; os corcos, ciclistas; as mulheres honestas invejam as cortezãs, porque são mais mimadas; as belas invejam as feias, porque vivem sem desperdar tempestades; os que viajam sofrem porque aspiram ao sócio; os que estão socoados fazem ciames dos globetrotters! Só se ouve dizer: «Não nasci para isto! Ah! Se me tivessem feito aquilo! Oh! Se eu tivesse nascido acola!» Como trazem dentro deles o ódio em vez de amor; como são ambiciosos — e incapazes de vencer; como não são felizes e queriam que os outros também não fossam ou julgam que os outros o são — revoltam-se porque atribuem a sua desventura e o seu fracasso à terra, à profissão, à família, à vida; e pensam que a vitória e ventura dos outros não vêm dos méritos — mas sim da terra, da profissão, da família, da vida — do destino que foi para eles padrosto — e doce amante para os outros. Depois da revolta — está a inveja; da inveja o ódio; do ódio — a tristeza de nem assim triunfarem e serem felizes. São como os desgraçados a quem o fôgo beijou as roupas e que jogem de casa, em correria alucinada, numa areoia de chamas, e na louca intuição de que o fôgo pertence ao local onde os enlaçou — e de que, afastando-se se libertam dos seus rubros tentáculos... Queriam mudar de pátria — como se houvesse alguma pátria só para os ditosos e levando dentro deles o dinamite da própria desdita. Queriam ser o que os outros são — sem abdicarem dos defeitos que os claudam à derrota!

Que desgraçados! E a quanto mais os observo — mais agradeço ao criador ter-me feito como me fez. Ah! Não é vaidade — nem sequer orgulho. É lógica para comigo próprio. Ao fazer sol na minha consciência — e calar da vida as minhas ambições — mas não se querdes a contemplar, e lo-íd-s e belas, no tipo de arvore gigantesca da luta! Estudei-as — e es udei-me. Trepei e arranquei aquelas do que pod a opor-arm; as outras não disse que estavam verd-s; e compreendi q e não me pertenciam esqueci-me d'elas. Fui ap nas coerente Cheirei o melão — antes de o ebrir. Fui o que quis ser, dentro do que p dia ser. Seduz n-me a profissão que escolhi; latei primeiro com entusiasmo, para me alistar; depois, com paixão, para a servir o melhor possível — sercindo-me a mim próprio. O que sou — basta-me. E' pouco — mas como não podia ser mais; e como podia ser pior, ao conseguindo alistar-me ou alistando-me num metier que me aborrecesse — sinto-me feliz, neste ponto — e não invejo os aviaadores, nem sofro ciumes com a gloria do Altes da Cunha ou com o poderio de Hitler. Amo as grandes capitais — e nasci numa capital modesta. Para que lamuriar-me e dizer que sou infeliz porque o dest no não me fez parisiense, londrino ou romanol? Resolvi o problema — procurando viajar, conhecer es-as capitais — pagando esse prazer com o meu proprio trabalho; e como esse trabalho me agrada porque fui eu que voluntariamente o abajei — também me considero venturoso...

Conta-se que um dia Alexandre, foi procurar Diogenes ao seu tonel e depois de o escutar — lhe confidenciou: « — Se eu não fosse Alexandre — queria ser Diogenes! » Ao que o filósofo contestou: «Pois tu se não fosse Diogenes...» Um silêncio durante o qual o grande imperador saboreou apressadamente o mel duma lisonja — «Se não fosse Diogenes — prosseguia o velho — queria ser Diogenes!»

Não era impertinência, basofia, vaidade; Diogenes era sincero. Que lhe servia a ele ter a glória de Alexandre, gosar as emoções das grandes victorias guerreiras o orgulho do dominio — se depois sofreria a nostalgia do que não era, do que gostaria ser — enquanto que, sendo o que era não era feliz? O segredo da ventura está só nisso: saber o que se quer; saber querer na medida das nossas forças; alcançar o que se quis e olhar depois os outros, mesmo os que parecem mais ditosos do que nós, como se fossem heroes de cinema.

Um bom filme, um desses filmes em que desfilam tenos ios irresistíveis; imperadores esplendidos, milionarios que satisfazem todos os caprichos é um lindo sonho — é como o espectáculo da vida que nos cerca. Mas um bom filme não basta! Que nos fechem nam cinema durante dias — sem luz, nem pão, nem agua, — só filmes e mais filmes — e a menor angustia que nos ataca é a do tédio; e sobre-se então a nostalgia da nossa vida real, com menos sumptuosa, com menos conquistas, com menos milhões, — mas com luz, com jantar, almoço e ceia; com repouso; com todas as modestas realidades que a ficção cinematografica não nos pôde dar...

Precisamente po que, na minha modestia, sou feliz; porque me sinto satisfeito na profissão que exerceo; na terra onde nasci; e na vida que faço — excepto quando a insatisfação alheia se torna em maldade e me assalta — é que não compreendo os insatisfeitos, os ciumentos. Na fauna destes ultimos existem especies deveras pitorescas: são os que levam o seu ciame até ao palagio, até á macaqueação, até á utopia e á incoerência de imitarem o modelo que invejam — dizendo ao mesmo tempo que o desprezam... A sua psicose atinge, por vezes, o disparate...

Nunca pensei que a migalha da ventura que construiu o meu paraíso pudesse picar os insatisfeitos, mas houve um

— o pobre! — que se picou...

Procurou imitar-me que facil é imitar a mediania; mas, como succede sempre, apenas alcançou, visível, o exterior, o que não é meu, o que está para a alma, para o cerebro, para o coração como o fato está para o corpo. O segredo de uma vida — como é de uma obra — é tão intimo, tão pequeno, tão subtil que nem a autopsia o revela. Mas, á medida que exaggerava a caricatura, no desespero de ter fugir-lhe por entre os dedos a pepita de sol que julgava possuir, agravava o seu rancor contra mim, passando da indiferença, ao desprezo, do desprezo ao insulto, do insulto á calunia — sempre longe de mim e jôra do alcance dos meus ouvidos. Por fim, em plena utopia, esquecido de que insultava, de que caluniava e que rendo á viva força atingir a realidade da sua ambição impossível — nunca podêmos ser outro que não sejamos nós próprios, por mais sim ples que pareça o modêlo e por maiores que sejam os esforços — pulou para a loucura e... começando por se intitular meu irmão natural — cochichando um drama de amor — que a pobre mãe lhe agradece — acabou por se intitular... eu! Fabrica bi-

reporter

O SEMANARIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSAÇÃO NACIONALIS E ESTRANGEIROS —

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Chefe da Redacção
COSTA JÚNIOR

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Loreto, 42-1.º - TEL. 28249 - LISBOA
End. Teleg. : REPORTERX - LISBOA

Composição e Impressão

Tipografia das Publicações ao
Porto - Cancela Velha 39

PREÇO DE ASSINATURAS

3 meses — série de 12 numeros — Esc. 11\$50
6 " " " 25 " " " Esc. 22\$50
12 " " " 52 " " " Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem

os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

lhetes de visita, procurou meios onde em não era conhecido pessoalmente, apresentou-se a pessoas que nunca me tinham visto — como sendo «Reporter X...» Já é preciso ter mau gosto...

(Conclui na página 18)



— Sabes? O João casou-se...

— Coitado! Um rapaz tão inteligente...

LISBOA DOS PREGÕES

O Canteleiro Moderno

A MUSICA dos seus pregões é de uma estranha composição, dir-se-ia inspirada no vento agreste de Dezembro ou nas noites furiosas dos temporais. Por vezes teem a sinfonia de numeros, num ritmo suave e doce, logo ferido pelo agudo penetrante das reclamações dos prémios. São partituras construídas pela nostalgia da vida humana, com acordes de Desgraça e Fome. Parecem-nos estrofes de guerra, como nos dennunciam preces de supplica. Teem revolta e humildade. Teem ferocidade, mas também são melodias em baladoras.

Em tempos recuados o canteleiro foi como que o cancionero das ruas. A horas certas o seu pregão enchia os espaços, a voz dos numeros formava um concerto musical a que não faltava um publico embevecido. Meninas casadoiras vinham ás janelas ouvir o cancionero, embevecidas naqueles trinados de voz. O mil cento e trinta e nove, cantado compassadamente, com ritmo e cadencia, era escutado religiosamente. O canteleiro era o idolo dessas moçoilas que os espreitavam e admiravam sem puderem compreender que a sua musica era a odisseia de uma vida. E quando o cancionero desaparecia e a sinfonia dos numeros se extinguia, as pequenas ficavam presas na saudade daqueles pregões.

O pregão das ruas, a voz do cancionero ambulante, que tinha uma historia triste para narrar, que guardava uma odisseia no intimo, ficaram para além do modernismo, do seculo velloz da T. S. F., da idade estuante do jazz. O pregão das ruas não tem musica, foi-lhe proscribita a melodia que embalava as meninas sonhadoras, que não eram românticas—porque não eram nada. Fica muito para além da vida que corre desordenada como os raciocinios tumultuosos.

A neblina da epoca cobre o canteleiro das novas modalidades, obrigando-o a uma indu-

O seu caracter — A sinfonia dos numeros — O velho cancionero e a sensibilidade das meninas — O pregão da saudade — A «Santa Casa está roubada» e o canteleiro official — A legião dos vendedores — A pedinecha e a lamuria

mentaria—padrão, a indumentaria do trabalho, o fato de ganga. E extraditou-lhe o pregão e criou-lhe uma «toilette».

Anos atrás a legião de canteleiros era quasi exclusivamente constituída de invalidos: cegos, aleijados, velhos etc. A venda de cautelas limitava-se a essa gente, porque os valldos procuravam nas profissões os meios de subsistencia. Existiam menos canteleiros e menos mandriões. Os que havia davam a essas rapariguihas de singular gosto auditivo o prazer de alguns minutos de delicia.

Depois veio a revolução. Oficializou-se o negocio com canteleiros apresentados como janotas, fechados em fardamentos de botões reiluzentes que nos aparecem por toda a parte, valldos da importancia que a sua indumentaria lhe parece dar. Não apregoam, gritam apenas e para se darem ares de pessoas chiques té balbuciam algum latinorico... São os marchais desse exercito que não tem botões amarelos e usa fatos de ganga.

Dos classicos canteleiros, um existe a espreitar o passado. Narram-se dele episodios e lendas estrambolicas. Diz-se que foi até ás Africas cumprir degredo. Acusam-no de actos menos honestos. E o rapazio para o atingir queima-lhe a sensibilidade com o «sobriquete» de «Santa Casa está roubada». É um aleijão digno de piedade, velho, alquebrado, vencido pelos anos e pelas vicissitudes da vida. É dos poucos que conservam o classico pregão, sem as suas notas terem melodia, nem a sinfonia dos sussuros.

A legião dos que vendem jogo da lotaria é outra, muito diferente e mais complicada. É a legião dos extraditados das profissões e dos foragidos do trabalho. Uns foram batidos pelo vendaval da crise, não tendo outro recurso para viver e lançaram mãos d'este, outros acomodaram-se naquele meio de vida. Ambos são mais livres, o tecto das officinas é a aboboda celestial, os regulamentos do trabalho são muito distintos.

A maioria é recrut da de gente meça e valda para o trabalho. Há crianças de todas as idades, tardadas e á paisana, de dextra estendida empurrando o jogo ao transeunte que passa ligeiro. Há rapazes na flor da idade, que seriam legitimos operarios, no mesmo meio de vida. Existem raparigas jovens, lindas como amores, botões viçosos de uma primavera florida oferecendo cautelas de mistura com sorrisos gaiatos e maliciosos.

Não se apregõa, grita-se. Os numeros rolam na voz, como as bolas na esfera da Santa Casa da Misericordia e saem sempre annunciando um prémio chorudo, a felicidade e um futuro de luz. Nenhuma cautela é branca, todos os vigesimos são premiados.

O canteleiro evolucioou. Dixeu o pregão «aboroso. Mal alimentado não podia fazer um esforço fisico. Gritar a plenos pulmões um numero só á força de gemadas e de «Ojomaline». E depois não era compensador, está fora da epoca porque já não há meninas casadoiras que se apaixonem pelo pregão doce do canteleiro.

Sua plificou-se o processo. Não se apregõa, lamuria-se atrás do frequês, assediando-o com mil e uma certias, insiste-se para que fique com uma cautela pois, serão as outras para os demais fregueses, a quem caberá a taluda.

O canteleiro moderno, indumentado de gaoga, não tem o pregão da saudade, a sinfonia dos numeros, nem o caritico dos premios. Tem a lamuria dos mendigos e a insistencia dos teimosos.

Decididamente o canteleiro não evolucioou, antes se tornou mais trôpego na sua triste vida de mendigo.

A exposição dum grande artista

Os quadros de António Soares, expostos no salão de «O Século»



MESTRE ANTÓNIO SOARES

Na estagnação em que se encontra a nossa vida mental e artistica, — atrazo que partindo das «élites» para o povo é mais de lastimar porque este assim se encontra sem cultura e sem quem o eduque por inherencia dessas mesmas «élites», não círculo vicioso de que não será fácil sair — nesta estagnação, vamos nós dizerdo é consolador ver exposições artisticas como aquela que António Soares tem patente no Salão de «O Sécul», exposição que artisticamente nos reabilita perante os olhos de estranhos que costumam passar por estas exposições de arte.

Sem pensadores, sem escritores, sem artistas, num decadência absoluta que domina todos os sectores do pensamento, como poderá este povo crear uma sensibilidade e viver numa esperantada vida interior? Porque esta interrogação tem mais que uma vez preocupado o nosso espirito, aprez-nos registar o merecido triunfo de António Soares, cuja obra avulta como sendo erguida num deserto.

A vida de sombras da Lisboa Velha são pedações de tela vividos nos Pobres e nos Humos do mestre Raul Brandão, cande as pedras os seres inanimados, as perjuras sombras teem vida — a misteriosa e ignorada das coisas que só uma grande sensibilidade pode fixar. Não conhecem os seus pinceis difficuldades quando teem que expressar uma verdade. Aqui da nos quadros violentos, gritantes no d' senho e na cor para mais alem no biindar co delicadas manchas de lirismo e de ter ur as sentimental, sentindo-se nuns e neutros quadros palpitar a vida com uma tão objectiva v rdade — que nos seja perdoado o pleonasmo — que só pode ser fixada por um grande mestre.

António Soares é antes de tudo e principalmente, um retratista com lindas figuras de mulheres nas suas telas magnificas, verdadeiros quadros de valor extraordinário que nos ilustram António Soares como um grande artista — talvez o melhor retratista português moderno.

Costa Júnior



...LAMURIA ATRAZ DO FREGUÊS, ASSEDIANDO-O COM MIL OFERTAS...

Alfredo Marques

Firmes!

E o resto... nada!

TODOS nós, ao debruçarmo-nos sobre o mistério das nossas almas, entrámos, por vezes, em transe duma tão íntima e subtil sinceridade, que não ousamos, por pudor, copiar-os em voz alta nem sequer revelá-los à nossa própria crítica. Entre todos esses transe, os mais ridículos—mas que são também os mais saborosos e ternos, são aqueles em que, já em plena batalha, gafados pela mil desilusões da realidade, esfalfados pela inutilidade de uma grande parte da luta sobre que empreendemos, em que a Morte começa a coquetear-se para nós e a segredar-nos seducções—nos anichamos na saudade e revivemos as melhores horas da meninice reconstituindo anos que não voltarão nunca mais, não como um sonho nostálgico—mas como um milagre de regresso ao passado...

Quantas vezes me resgato da amargura do presente—volvendo, como um sunambulo, à infância e olhando o mundo, os homens, vendo-me a mim proprio como os espelhos de então me viam! A unica distancia que nos separava então de todas as ambições era a do tempo que faltava para o alfaiate nos fazer calças compridas e para a natureza nos adubar a barba!

Bastar ser homem—para ser feliz! E porque não? Se as nossas forças não chegassem lá estavam os outros, todos os outros, todos os amigos de bibe e calção que, num «complot» de heroes de Anderson, juravamos fidelidade, lealdade eternas—como mosqueteiros em defesa duma boneca... Depois, no embate da vida, os outros homens feriram-nos de muitas vezes, com as trações de ponta e mola... E sempre que isso sucedia—berravamos «às armas» à casa da guarda da meninice, na certeza que havia de restar, pelo menos, um Cambronne, na ilusão utópica que esses meninos de bibe, que tinham pactuado connosco fidelidade eterna—conservando o bibe no coração, como os velhos guardam às vezes um brinquedo para não cortarem nunca o contacto com a infância... Esquecemo-nos que esses meninos se fizeram homens como os outros que ao menos nos atacam sem compromissos morais...
Que tristésia! Nem esses!

Não travamos controversias. Nada nos obriga, nada as explica! Isto é apenas recordar. As vezes ao cair da tarde, sabe bem anoitecer a alma...

Quando se abriu a fronteira que separa a escola das realidades brutas da vida—abalamos sófregos de liberdade, de movimento, de ar, de luz—e cada um de nós abalou em sua direcção.

Dessa debandada o acaso fez com que alguns acertassem o caminho pela mesma estrada. Era natural que esses não se desligassem e continuassem a aliança da escola... De todos—houve um que, por mil razões sentimentais, nunca abandonamos... Nunca! E

sempre que ele quiz mobilisou todos os campos, naquelas horas em que os mais íntimos desertam—podiam faltar todos que nós cá estávamos e a dizer que o resto vinha atrás para que ele não sofresse a amargura dum abandono, apenas quebrado por uma excepção—que era, aliás fidelidade nos juramentos da meninice... um dia, a meio da nossa carreira, quiz o Destino que, fundassem um jornal e que esse jornal triunfasse. A primeira pessoa a quem chamamos—foi ele e dando-lhe a máxima categoria—inferior decerto aos seus méritos, mas a única que podíamos oferecer-lhe: e nunca, em ano e meio de convivência houve da nossa parte uma amnésia da camaradagem de escola; não houve nunca sequer uma ordem!

Moral e materialmente o tratamos sempre como a um irmão de sangue e de luta. O Destino, que é o supremo senhor das existências, quis que nos separassemos—sem que, na véspera, no próprio dia ou no dia seguinte, modificassemos a nossa atitude fraternal.

E tanto bastou para que tudo se esquecesse, para que na *Ísa* do seu coração, o nosso valôr moral, intelectual, profissional, ainda na véspera na alta, descesse como acções de uma companhia falida!

De tudo se lembra esse nosso camarada; recorda-se dos detalhes mais apagados da nossa intimidade onde entrou sempre sem necessidade de bater á porta, que tudo, tudo volta agora na sua memória—menos o que representa nobreza, lealdade, generosidade, carecter, coraçao, alma, não só durante ano e meio, mas sobretudo durante vinte e cinco anos! Nós que lhe dedicámos uma amizade, não o esquecemos!

Do resto—nem falamos! Nem sequer temos interesse em fazer balancetes morais. Que tristésia!

Não entramos em controversia. Não interessa ao publico, e seria doloroso para nós!

Não voltaremos sequer ao assunto. Mas...

Durante vinte e cinco anos de camaradagem na luta da vida; durante ano e meio de fraternal colaboração fomos sempre—e é tão facil folhear este semanario...—o mais vivo dos jornalistas, o mais honrado dos homens! Varias vezes fomos obrigados a separar da nossa maquina, este ou aquele oclaborador!

Facto banal nem creio e que traga razões para os que conheçam o nosso jornal se sintam em plano diferente de qualquer empregado que abandona o seu emprego. Porque motivo pois—esta raiva epileptica quando não transigimos.

Se tão maus eramos para eles para que encolerisam assim quando os libertamos de nossa maldade?

Mas quiz os outros, os que vieram até nós pela mão do

caso, sem passado, sem pacto de infância, nos salpiquem—que fazer?

O que se torna horrivelmente triste é que... «esse outro», senhor máximo da nossa amizade, sem motivos, sem causa, sem justiça, sem direito imite aqueles.

...E de que nos acusam, santo Deus?

De têmos muita fantasia? Mas a fantasia é uma virtude literaria—já o declaro! Mas foi milagre espontâneo, defeito repentino, que nos tivesse atacado só, na véspera de nos separarmos? Se não foi, se á aleijão nosso antigo como se explica que ele—aguentasse o contágio tanto tempo? E que mais temos para nos envergonhar? Ah! Sim! Uma velha enfermidade! Quantas vezes—esse favor não esquecemos—nos animou ele, e nos auxiliou em horas de tortura! Mas nessas ocasiões compendia e media o valor exato da fatalidade que ela representava—e era muito optimista ao visionar o futuro!

Tem razão! Existem *doenças* terríveis! Doenças que nos levam a tomar remédios mui amargos. É certo que os vícios são o mal da Humanidade! Com uma diferença! Uns—só se prejudicam a eles, encurtando anos de vida—mas sem espectaculos vergonhosos ou falsas graves e nem sequer nos seus descendentes se refletem as consequências. Outros menos dominadores, mais faceis de vencer mas mais cruéis, mais vergonhosos, mais degradantes—até na maldição do futuro...

Que tristésia! Para que continuar? Não—que haja ao menos respeito pelos que nos leem... E éstes que confiem em nós!

Não abdicaremos da nossa missão! Tristes—mas firmes!

A ZEITE

SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEFONE 4998 - PORTO

QUEM ESCREVEU AS OBRAS DE SHAKESPEARE?



Em França e na Inglaterra, neste momento, o assunto de grande discussão é a resposta à seguinte pergunta: Quem escreveu as obras de Shakespeare? Discutem os sábios—dividem-se as opiniões. Enquanto uns dizem que é Bacon quem se oculta sob a máscara do célebre trágico Inglês, outros queiram que seja Roger Maners o autor dessas obras, e outros, ainda, dizem ser Williams Stanley, conde de Derby, nascido em 1561 o autor das discutidas obras, e os últimos afirmam ter sido Shakespeare o autor dos geniais volumes de literatura e teatro. Quem tem razão? Jacques Boulagens, no seu recente livro intitulado *L'Affaire Shakespeare*, afirma que aquilo que actualmente se tem escrito sobre este assunto chegaria para encher a mais ampla biblioteca do mundo.

(Conclui na pag. 13)

O último condenado à morte em Portugal



MATOS LOBO O ÚLTIMO HOMEM QUE EM PORTUGAL FOI CONDENADO À MORTE

Não é a primeira vez que o «Reporter X» evoca as figuras mais notáveis do banditismo português do século XIX. Diogo Alves, O Dr. Urbino de Freitas, a Giraldina, O Niza, O Péra de Satanaz; O Fajardo, famoso gatuno, de cujo *sobriquet* deriva a «Fajardice»; A Ribeirinha, O Leandro e o Fernandez, O José do Telhado, O João Brandão; o Faca de Mato e Matos Lobo, o assassino que vamos biografar e que se salienta porque o castigo dos seus crimes marca um acontecimento histórico, ou seja o fim da pena de morte em Portugal.

Bons princípios

Matos Lobo era natural da Amieira. Filho de boas famílias pensou em seguir à vida eclesiástica. Ai por 1834, aos vinte anos, tornou-se um ardente defensor do povo, arrebatando-o com os seus discursos, descobrindo graves falcatruas que o administrador de Gavião, homem sem escrúpulos, praticava em prejuizo das massas populares e obrigando-o a indemnizar os lesados. Entretanto, morria em França um grande músico português, discípulo de Rossini — o imortal autor do «Barbeiro de Sevilha» e cujo nome ecoava por toda a Europa: João Evangelista Pereira da Costa. A viúva, uma senhora de invulgar formosura — D. Adelaide Philippe — viera para Portugal acolher-se sob a protecção da sogra que vivia, retirada, num solar de Proença-a-Nova. Acompanhavam-na dois filhos: Júlia, bela como a mãe e Emídio. Matos Lobo era ainda aparentado com o falecido artista; e ao conhecer a viúva de seu primo, inamora-se dos seus encantos, vencendo todos os escrúpulos com que ela se defendia. Mas em breve surgiram discordâncias entre os dois amantes, separando-se. A formosa viúva veio então para Lisboa com os filhos e com uma criada — Narcisca — instalando-se no primeiro andar do prédio n.º 5 da rua de S. Paulo onde estão hoje uns escritórios e nos baixos, uma leitaria. Pouco depois Matos Lobo aparecia também na capital e como pretexto para reatar relações — embora platónicas —

Matos Lobo, criminoso dos mais lenebrosos, enforcado em 1872. — O banditismo português e os seus azes. — Um seminarista revolucionário — A linda viúva — A chacina da rua de S. Paulo — O inglês enamorado — Epilogo da tragédia.

com a prima inventou uma historia sobre a morte, em trágicas circunstâncias, da sua velha creada e única companheira — cujo fantasma vagueava na casa que elle habitava em Lisboa — afugentando-o, horrorizado...

E a pobre viúva acreditou na macabra fãntasia do seu primo e ex-amante...

A noite sangrenta

Na noite de 8 de junho de 1841 — há quasi um século — D. Adelaide reuniu algumas pessoas amigas, numa festa íntima. Pelas janelas abertas e iluminadas ecoavam os acordes de valsas românticas ao piano o foguear de gargalhadas alegres. Na rua, embuçado, empastelando-se na noite, alguém espreitava aquelas salas em ingénua festa... No princípio da madrugada a porta abriu-se, saindo os convivas; e entre todos, um sujeito que sobressaltou o misterioso embuçado... Era o Dr. Soares de Albergaria que aspirava ao coração da bela viúva. Já na esquina, o último convidado soltou a derradeira saudação: «Boa Noite»: E D. Adelaide respondeu: «Se Deus quiser». A luz do salão que abria um leque dourado sobre a rua — extinguiu-se, tornando mais densa e sinistra a negrura da noite. Os filhos foram deitar-se — e logo adormeceram. D. Adelaide e a creada ficaram nas arrumações da cela. Súbita, ouviram ranger os degraus da escada... Quem podia ser aquela hora? «Sou eu! Abre por favor!» Era o primo, o ex-amante. Abalara de casa, *perseguido pelo espectro da tal creada*, que, apesar de tragicamente morta ficara dormindo e ressonando no seu quarto... Mas o ciúme que referia o sangue de Matos Lobo não lhe permitiu longo tempo aquella falsa e pueril attitude. Segredou à viúva que precisava falar-lhe; e uma vez sósinho com ela, a fera rasgou do envulcro humano... O seu punhal, retalhou-a — até vê-la caída, gollando sangue que ia fregar nas paredes... Narcisca correu, a acudir à amantissima o facinoroso recebeu a epilepsia furiosa, enterrando lhe o punhal; e enquanto a pobre creatura se contorcionava no solo, numa espantosa agonia, Matos Lobo invadiu o quarto do desditoso Emídio que esboçara o gesto de saltar do leito. O criminoso feriu-o pelas costas com tal impeto que a lâmina veio trespassar-lhe o peito... Emídio caíra, fulminado. Mas a chacina não terminára ainda; o ex-seminarista, os olhos raizados de vermelho, — crispou a garra nas tranças de Júlia quinze annos em flor, que tentava fugir-lhe, e com uma

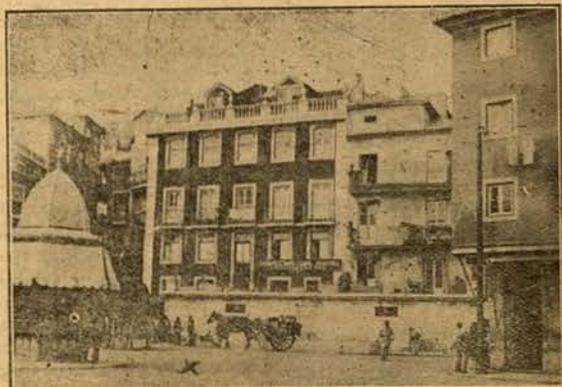
força bestial de louco em fúria fez com que a sua cabecita loira se chocasse contra a parede com tal violência que a massa encefálica saltou... Bruscaamente um ruído surdo o paralisou. Era uma cadellinha de Júlia que gania dolorosamente no corredor... Fallava ainda aquella crueldade... Ergueu-a pelas patas — e atirou-a à rua! A seguir, traçou a porta e fugiu por uma janela...

A ultima condenação à morte

Um jovem inglês, James Newton, avô do actual commerciante Harry Newton, do Porto que vivia na visi-

nhança estava à janela da sua casa quando escutou uns gritos e viu cair a cadellinha branca à rua... A razão de James estar a pé áquelas horas era um segredo... sentimental. Amava Júlia — e Júlia ás vezes, vinha contemplá-lo... Alarmado — o inglês correu ao posto da Municipal, saindo immediatamente o capitão Barrote, bisavô do tenente da marinha Barrote — acompanhado de varios guardas. Em vão tentaram arrombar a porta. Graças a uma escada — invadiram a casa pela janela, chapinhando, logo aos primeiros passos, o sangue que atapetava o salão. A suspeita caiu logo sobre o primo das victimas partindo para a residência de Matos Lobo, na Rua de S. Bento 4 1.º — o alferes Correia e cinco soldados. Matos Lobo, appareceu-lhes em trages menores mas com o rosto e os braços manchados de sangue. Negou o crime fingindo-se indignado contra tão nefando crime (textual). Conduzido ao Carmo e sujeito a um interrogatório severo — continuou negando. Mas as provas eram esmagadoras. Transferiram-no para o Limoeiro no mesmo dia em que enteraram as victimas. Uma multidão congestionava o percurso, tentando varias vezes linchá-lo. O julgamento, em agosto, encheu a transbordar a sala e os corredores do velho Refúgio dos Agostinhos. Um formigueiro humano alastrava-se até ao Chiado aguardando a sentença. O tribunal era presidido pelo Dr. Carlos Castelo Branco; o ministerio publico era representado pelo Dr. Cardello Banelo e a defesa, foi confiada ao Dr. Ferreira da Cuiha. Entre a assistencia notavam-se celebridades e nobres como os duques de Palmela e da Terceira. O criminoso apresentava-se bem vestido, sereno e confiante. Ao ouvir a sentença de morte ficou livido e cambaleante. Os guardas tiveram de o amparar. «Covardel berrou alguém. Recolheu à enxovia — como um sonambulo. Ao saber que o Supremo negara o recurso, recusa alimentar-se e por varias vezes tenta suicidar-se. Entra em oratorio a 14 de abril de 42, onde permaneceu tres dias, acompanhado sempre pelo prior, de Marvão que o anima o conforta. No dia 18, ás 11 horas da manhã, saiu do Limoeiro o triste cortejo, cercado de esbirros e tropas. O condenado, de alva e do esparto ao pescoco, mal pôde caminhar. O povo que congestionava as ruas, insulta-o. Chegados ao Cais do Tojo, levam-no ao patibulo, quasi em braços. «O Negro» — o verdugo está nervoso e a agonia do facinoroso foi um espectáculo tão

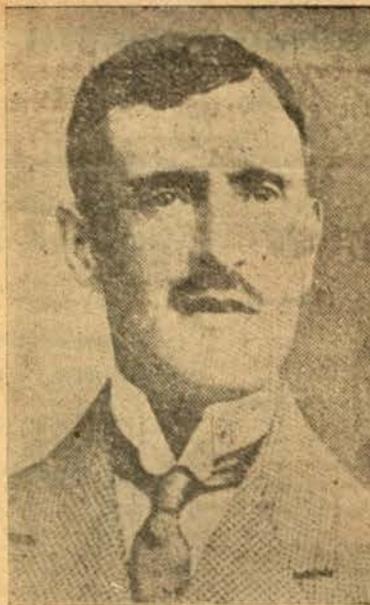
(Continua na pag. 15)



O LARGO DO CHAFAREZ DE DENTRO INDICADO COM X O LOCAL ONDE FUNCIONOU A ÚLTIMA FORÇA

UM ESCANDALO RETROSPECTIVO

O monumento escamoteado



Uma revelação sensacional sobre o mistério que envolveu, após a morte trágica do desditoso presidente Sidônio Pais, a subscrição para a sua estátua

sujeito que declarou ser o administrador de um diário que o tal jornalista ia publicar e que me comprou um bom lote, fazendo grande despesa — e pagando a contado. Nós, comerciantes, deixamos nos sempre seduzir pelas amabilidades... de pronto pagamento. Passaram-se mais dias, — e o administrador reapareceu na papelaria. Desta vez — era para pedir-me um favor! Necessitavam instalar a luz; o director — o tal jornalista — não tinha feito para solicitar certas coisas aos seus numerosos amigos (este facto entronisou-o mais alto na minha consideração...) e pedia-me para ficar fiador. Não hesitei... — Vouha a papelada — respondi. Em poucos minutos estava tudo assinado.

Angustias... dum fiador

— Rodaram meses — e uma tarde eis que me entra pela minha loja dentro o cobrador da electricidade! Trasia os recibos da luz gasta pelo jornal! / o relancear a vista pelo montante, pulei como um acrobata! O que seria um esbanjamento pelo total dos vários meses de existência — correspondia a um só mês — nenhum mês estava pago!!! Graças á «jonglerie» de influências, a Companhia tinha esperado todo aquele tempo; mas farta de esperar — caía sobre mim! Era eu o fiador, e responsável!!! Que remédio — quando se tem a mórbida ambição de ser honrado? Paguei na íntegra — e declarei logo que desistia da minha fiança! *Isso não é tão fácil como julga o retorquin o cobrador. Quer queira quer não, continua a ser o responsável até ao fim do contracto e este só termina daqui a um mês!*

Como nos romances de um cofre misterioso

— Tirei-me dos meus cuidados, fui ao jornal, pedi para falar ao administrador e contei-lhe o sucedido! — Que quer V. que eu lhe faça? — lamuriou o sujeito. — A culpa é dele — do director! Rapa-me todo o dinheiro que entra na caixa! E' teatro, são clubs, é jogo, é auto, é luxo, é champagne! Não me deixa um centavo para pagar a ninguém. Mas vá ter com ele! A esta hora está a almoçar. Vive no «Metropole» do Rio... Parti, correndo... Eram algumas centenas de escudos — e isto em 1918 ou 19. Mandei o meu bilhete — e pouco depois, o tal improvisado jornalista cujos artigos eu tanto admirava — espresitou por entre portas, ainda como o guardanapo entalado no colarinho: «Seja breve que eu tenho muito que fazer!» — O assunto que cá me trás é particular — expliquei-lhe — e como está aqui muita gente — ache melhor que...

«Acantoo-nos e repeti o que dissera já no jornal. — A culpa é dele — do patife do meu administrador! exclamou, rubro de cólera. — Rapa-me todo o dinheiro que entra na caixa! E' teatro, são clubs! E'... — Interrompi-o e segredeli-lhe: — Tem graça que o seu administrador acaba de me dizer isso mesmo a seu respeito! — «O quê? Já é descarol! Pois bom! Vá indo para o jornal que eu não me demoro!» «Claro está que... fui indo... O que se passou enquanto os dois estiveram fechados num gabinete — não sei. Que a conferência não era pacífica — desluzi eu pelo berreiro que faziam! O que sei é que, pouco depois, aparecia-me o administrador. Deu-me o braço, conduziu-me a um cubículo interior que abriu com uma chave de molho que trazia. Entramos — e ele fechando-se por dentro, dirigiu-se ao unico movel que existia — uma banca — e applicando uma chave do mesmo molho ao cadeado duma grande caixa de folha que estava sobre a banca, cochichou-me. «V. é o homem de mais sorte que eu conheço. E' a primeira vez que *ele* confia estas chaves a alguém e que retira desta caixa dinheiro... para pagar dívidas, está claro!»

«A caixa abriu-se e pestanejei, fascinado. Dir-se-ia o cofre que Edmond Dantés desenterrou da Ilha de Monte Cristo — só com a diferença de que em vez de diamantes eram notas, muitas notas e todas de cifra respeitável. Estava a transbordar! Pagou-me a conta — ficou-me a dever ainda dois ou três centavos que lhe perdoei por não ter troco —; tornou a fechar a caixa e quando eu me preparava para abalar, segredou-me: Sabe o que... é aquilo? «E' a subscrição para o monumento ao Dr. Sidônio Pais! Schin! Não diga uma palavra a ninguém!»

«E não dissei E' a primeira vez que destapei este segredo! Mas confesso: sofri nessa tarde a maior, a mais triste e dolorosa dissilusão da minha vida!»

Os nomes dos... anónimos

Falta dizer que o improvisado mas energico jornalista era... Simão Laboreiro e que o jornal em questão se intitulava *O Tempo*. Consola-nos apenas, como jornalistas honrados que nos presamos de ser — o facto de esse senhor ter aparecido e desaparecido da imprensa, como um meteoro — e não chegar a ser um profissional.

Por isso, esse monumento esteve sempre envolto em mistério. Sidônio Pais disse uma vez: «Tenho orgulho na dedicação, na lealdade e na honradez dalguns dos meus colaboradores ou defensores. Outros são peores inimigos — que os meus inimigos!» E tinha razão — o desditoso presidente!

NA noite de quinta-feira, 21 subia a rua do Mundo — num *foot-ing* pachorrenco de boa digestão — quando encontrei o meu velho amigo sr. Augusto, comerciante e visinho do Reporter X. Abordei-o num palpite... Deu-me o braço confidenciando-me: «Eu nunca fui politico... Contudo ninguém pôde negar que Sidônio Pais conseguiu, magnetisar, romanticamente, uma grande zona do país! Foi uma época emocionante, rica em acontecimentos, em episódios, em imprevistos... Eu, pelo menos guardo desse período uma série interessante de reminiscências — e, uma, sobre todas, não sendo trágica, — ou sendo até escandalosamente pitoresca — é dolorosa porque... Ah! Se eu um dia revelasse a vocês, jornalistas, o segredo desse episódio que artigo sensacional...»

Aguardo pelo odor apetitoso daquele meio-desabafo, intentei estripá-lhe a outra metade.

Como se prova que a electricidade... pôde fazer luz... nas trevas

Diz o rifão que... «a rico não dá e... a jorna lista não prometa» — ou pelo menos «não insinua que possui uma «caixa» sensacional». Na tarde seguinte, a pretexto de uma encomenda, telefoniei para a Papelaria Camões — de que o amigo e sr. Augusto é proprietário. Dez minutos depois o sr. Augusto, amável como sempre, (e ele que me perdoe) entrou no Reporter X. Poucos ouvintes, gente da casa: Costa Junior, Alvaro Anselmo; e dois ou três intimos de igual confiança. O amigo e sr. Augusto, não é só um comerciante de bem merecida reputação: é sobretudo — um homem de espirito e um bom amigo dos jornalistas. Compreendeu tudo e foi generoso. Eis a revelação sensacional:

— Já lhe disse ontem que o período de Sidônio Pais — desde a revolução até um ano após a sua trágica morte — conseguiu trazer-me em constante alvoroço, emocionando-me sinceramente. Entre os jornalistas que formavam quadrado á volta do presidente — havia um que não era positivamente um «profissional». Eu pelo menos, nunca ouvira falar nele. Surgiu, como que por encanto, defendendo o governo e atacando os adversários; mas os seus artigos falavam tal eloquência e ele floreteava com tal energia a sua pena que comecsei a lê-lo só pelo prazer de o ler. Um dia apareceu-me na loja um

UM MILAGRE... POR 60 CENTAVOS

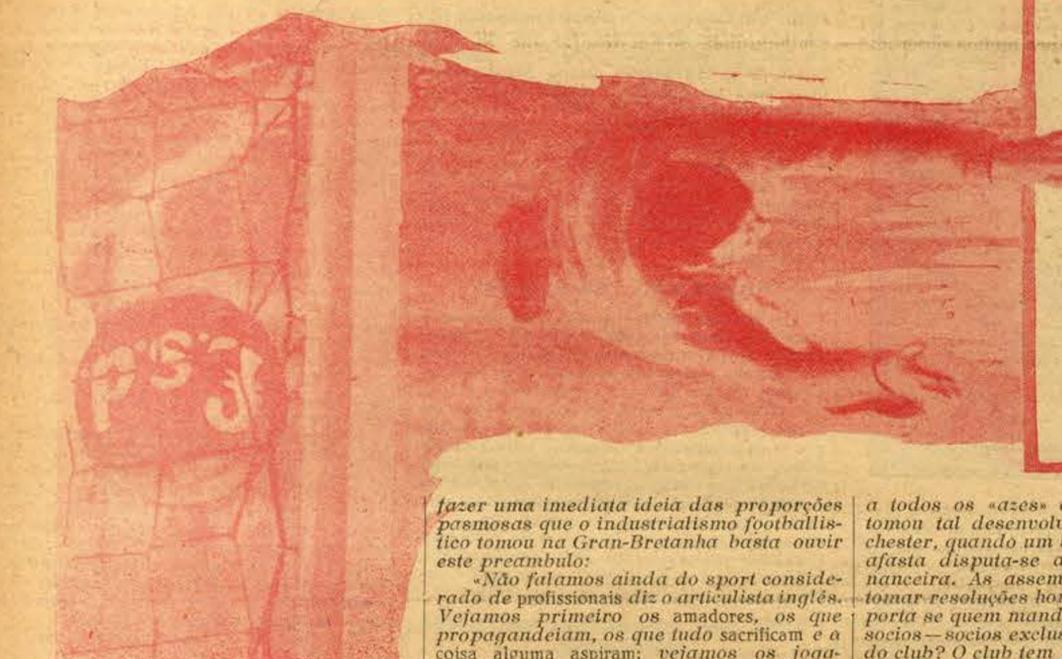
E principio dogmatico deste jornal não discutir matéria de consciência religiosa — em quanto não transbordar do seu leito, natural inundando terreno neutro. Mas, por vezes, somos afinetados de modo a ferirem-nos — apezar do escudo da neutralidade. A venda de imagens sagradas, fóra dos templos, sobretudo em frente ás igrejas d. Chiedo é um exemplo que vexa muitos católicos sinceros. Mas há mais — e pior. Nos ultimos dias appareceram em várias vitrines uns postais com a gravura de St. Terezinha do Menino Jesus, num claro-escuro ingénio e que sob o titulo de «Magnifica Natividade Brasileira» — prometem vagamente um *milagre* (vê-se a imagem da Santa no tecto da nossa casa, por um lento minuto de fixa contemplação sobre uma estrelinha branca na mancha negra da gravura) faz n'lo duma vulgar ilusão d'optica, digna d'al-

manaque — uma especulação religiosa. O postal custa 60 centavos e... é prohibida a reprodução!

Existem vários processos de negociar com a ingenuidade alheia. Conhecemos, em Barcelona, um editor especializado exclusivamente nesta industria. Só um dos seus inventos — o talisman do Himalaia — rendia-lhe uma fortuna. Ha um envelope contendo um pequeno Budha cujos olhos, magnetizados pelo mais elementar dos processos — o mesmo que usam os fabricantes de bussolas, produzem *verdad-viros prodigios* ante o pismo dos compradores — sendo o primeiro de ficarem sem uma peseta, que era o preço do talisman. Ainda há pouco tempo a policia parisiense prohibiu a venda de uns pós milagrosos, em que a ignorancia de certos crentes era veheamente burlada.

Um «sport» que enriquece

Os escândalos internacionais do Football



Foi na manhã de 25 de Dezembro último — dia de Natal. As ruas animavam-se — gente alegre que recolhia, trôpega e sonolenta, dos reveillons; gente grane que se dirigia aos officios religiosos. Os que passavam frente ao belo edificio da Associação de Football — eram surpreendidos por um enorme placard que velava as janelas do 2.º e 3.º andar, lendo-se em caracteres garrafais, as seguintes palavras:

Banco Nacional de Football

Garotice dos inimigos da Associação, aproveitando o facto dos escritorios estarem fechados no Natal para afixaram durante a noite aquelle placard escandaloso — ou impudica confirmação das acusações feitas contra ella, transformando, de facto, num negocio graúdo — um sport que devia ser apenas uma escola de virilidade, de hygiene fisica e moral e de aperfeiçoamento da raça? Misterio...

Mas não se ala mem antes do tempo os aficionados nacionais. Isto passou-se em Londres — com a Associação Inglesa de Football...

O pai... do Estudante

Um dos jornais m lhor reputados e de maior popularidade de Inglaterra aproveitou o ensejo para abrir uma reportagem sensacional sobre o assunto. E para ter autoridade para destapar as misérias alheias, — começou por filmar as que se amontoavam no proprio pais. E para se



MR. WALL, SECRETARIO GERAL DA ASSOCIAÇÃO DE F. B. INGLESA. CUJA FORTUNA CAUSA... PASMOS

Uma associação transformada em Banco, as milhões do rei dos batoteiros

Episodios e burles em Portugal e no estrangeiro

Jogadores, club e... publico

fazer uma imediata ideia das proporções pasmosas que o industrialismo footballístico tomou na Gran-Bretanha basta ouvir este preambulo:

«Não falamos ainda do sport considerado de profissionais diz o articulista inglés. Vejamos primeiro os amadores, os que propagandeam, os que tudo sacrificam e a coisa alguma aspiram; vejamos os jogadores e os seus clubs; os directores desses clubs e a associação... Robert Jones, o idolo de Manchester, um dos maiores porteiros da Europa, que toda a gente considerava como um estudante (era-o de facto, ha oito anos, quando começou a jogar) mas que, continuando a intitular-se como tal, mente, porque ha seis que não frequenta nenhuma escola, recebe vinte a trinta libras por semana. E' o club que lhe paga? Não! O seu club é academico, dirigido por academicos. Mas existe um senhor — Mr. B... — pai dum aluno que se eternisa nos estudos (deixando-se reprovar voluntariamente, porque os negocios paternos assim o exigem) que é... através do filho, um orientador e protetor do club desde 1923. Mr. B... diz que se tem sacrificado pelo football... E' ele quem paga a Robert e

a todos os «azes» do 1.º team. O negocio tomou tal desenvolvimento que em Manchester, quando um socio de Mr. B... se afasta disputa-se a sua participação financeira. As assembleias do club podem tomar resoluções honestas — mas que importa se quem manda é Mr. B... e os seus socios — socios exclusivamente no negocio do club? O club tem trez empregados de secretaria; em casa do Mr. B... trabalham doze empregados — dedicados aos assuntos do club. A receita das cotas é de... 300 a 400 libras anuais, visto tratar-se dum club academico. Pois as despesas que Mr. B... faz por semana só com os jogadores são superiores a essa quantia. O club possui um campo seu — modesto — mas todos os desafios são feitos num stadium que Mr. B... mandou construir e que empresta... gratuitamente ao club...

«Robert Jones tem 26 anos e estudava para engenheiro mecanico. A familia é modestissima. Antes de ser... amator vivia num bairro operario. Hoje habita um hotel de 1.ª classe. Em 1930, fez constar a Mr. B... que um outro club o desafiava... em preço. Mr. B... chamou-o, perguntou-lhe quanto lhe ofereciam — e aumentou-lhe o jornal — sem regatear.

Como se organiza o negocio

Em Inglaterra deve existir actual mente uns duzentos clubs de amadores que... industrializaram o football. Dividem-se em duas categorias: os que são explorados por um extranho, sem cumplicidade dos seus componentes e os que se industrializam a si proprios. Dos primeiros — um exemplo é o R. B. F. B. C. de Manchester.

Mas o mais completa, no numero, é os Richer F. B. C. de Londres — de que quasi to-

dos os empregados da «Torly» são socios... ingenuamente burlados por outro Mr. B... — que se chama Edward Watson — outro protetor. Sabendo o Richer atrair sempre muitos alicionados — infiltrou-se no club — fazendo-lhe um empréstimo monetario em 1925.

Edward Watson era então um pobre agente de artistas de variedades. Palpiou-lhe o negocio, traçou o plano e apresentou-o ao empresario dum music-hall de West-End. «Quanto precisas para pôr este projecto de pé? — 50.000 libras para começar — respondeu E. Watson. O empresario não se quiz arriscar sózinho e associou-se a mais quatro amigos — entrando cada um com mil libras. O que faltava ao club era um bom campo com capacidade para muito publico e colocado em local acessivel. Watson, depois de meter um pé no club, contratou logo um ex-jornalista que, por 15 libras semanais se encarregou de encher a imprensa com noticias referentes ao Richer. A seguir construiu um campo nas condições planeadas, e pô-lo à disposição do club (nm aparte: já notaram que a maioria dos clubs cujos matches atraem grandes massas de publico têm um campo pequenissimo e jogam sempre em campos que pertencem a outros clubs... quasi desconhecidos? Mas, para não levantar suspeitas — Watson, antes de inaugurar o campo improvisou um outro club — «London-N. N. F. C. — com um team unico, uma selecção de garotos inexperientes que só jogam duas ou três vezes por ano... sem outros espectadores do que as familias dos jogadores e que não pertence à Associação. Se houvesse um observador atento notava logo este paradoxo: um club ridiculo, infantil quasi, proprietario dum maravilhoso campo; e um grande club, sem campo e jogando no campo do tal club ridiculo...

Watson procurou investigar quem eram os outros Watson de Inglaterra e pôz-se d'acordo com eles Para dilatar o interesse provocado pelo Richer inventou cenas de pugilatos, dramas de amor, raptos, etc. entre os jogadores... amadores. O seu mais celebre truc, foi o do primeiro desafio... sob a sua orientação. Havia uma greve entre os empregados da «Torly» — e o governo dominou-a oferecendo para substituir os grevistas — o pessoal dos seus estaleiros. Ora esse pessoal possuía tambem um club de football. Watson, não descançou enquanto não conseguiu organizar um desafio entre os dois clubs, e depois, numa folha de sport insinuou que aquele match teria resultados... sangrentos devido à greve. Escusado será dizer que o campo encheu-se.

O campo de Watson tem capacidade para 5.000 pessoas, e contudo, oficialmente, cabem apenas 3.000. Os bilhetes são directamente vendidos por elle e seu pessoal, ás vezes por 5 shillings e meio, mas elle declara sempre que cedeu a um arrematante que os comprou por meia duzia de pences. A fortuna de Watson, em poucos anos, deve orçar por 80 ou 10.000 libras!

O rei dos batoteiros de F. B.

O rei dos negocios de football em Inglaterra, é o benemerito Frederik Mauser.

Não explorava nenhum club em especial, mas enriqueceu explorando-os avulso. Os amadores mais honestos e cautelosos, têm sido cumplices inconscientes das suas habilidades. Só um desafio que ele organizou, na sombra, rendeu-lhe perto de 15.000 libras. E contudo, os clubs que nelle entraram receberam apenas, meia receita, 1.000 libras!

Frederick Mauser é um velho de 60 anos, mas duma espantosa actividade e duma falta de escrupulos... espantosa tambem. Existe numa rua estreita que corta Regent Street — n.º 8 — um escritorio que ocupa dois andares e que dá trabalho a mais de quarenta empregados, dactilografos, etc. Não tem outra taboleta alem duma placa pequena com «F. M. & C.º»; mas todos os dias, ás 13 horas vêm entrar por ali o velho Mauser que só sai ás seis da tarde. Mal elle chega é um vai-vem continuo de individuos de todas as classes e tipos, que procuram o «patão». Mas existe uma outra porta que abre para Regent Street por onde passam outro genero de visitantes que não têm interesse que se saiba onde vão e que, ao vê-los entrar, ninguém adivinha a que casa se destinam. Dizem que Watson tem 30 ou 40 viajantes percorrendo a provincia e que mais de 300 jogadores são financiados pelos seus cofres. Tem havido domingos em que metade dos desafios de Londres e uma parte dos de provincia... são negocios seus. A sua fortuna é das mais sólidas!

Não têm conta as habilidades inconscissaveis por elle praticadas. Consta de que estando ameaçado pela honestidade intransigente dum club cujos jogadores, sendo popularissimos, punham em cheque, os seus negocios, — não descançou enquanto o não inutilizou irremediavelmente. Para isso, serviu-se de todos os processos. Exemplo: um dos melhores defesas desse club adoeceu brusca e gravemente em 1929. Todos os medicos que o viam, diagnosticavam uma enfermidade diferente,

mas eram unanimes em prohibir de jogar. Foi definido até quedar-se como um invalido.

Os amigos quizeram investigar as causas da doença e chegaram à conclusão que ela nascera numa noite pelos cabarets, — «não bebi de mais — confessou o ex-jogador, mas depois de ter tomado uma taça de champante sentime muito mal. Estava com uns amigos quando veio um groom á nossa mesa a pedir-me para o acompanhar a outra sala, porque havia uma dama que me queria falar. Pul. Era uma rapariga encantadora. «Disse-



... É O PUBLICO INGENUO



A ASSOCIAÇÃO TRANSFORMOU-SE EM... BANCO DE FOOTBALL

ram-me que você estava aqui e como não sou uma grande admiradora sua peço-lhe o favor de beber comigo um pouco de champagne. Cedi, pudera! E mal evasiei a taça — levantou-se, libertando-me: «Não quero rouba-lo aos seus companheiros. Alem disso, esido á minha espera... Partiu e eu nunca mais a tornei a vêr. Muita gente affirmo que esta admiradora era um agente de Mauser. Um dos porteiros do club odiado por Mauser partiu uma perna, na vespera dum desafio, caindo nas escadas do Metro por causa dum sujeito muito apressado que se chocára brutalmente com elle, e nunca mais pôde jogar. Um outro keeper, cujo maior fracasso na sua carreira atinge apenas três goals que deixára entrar num desafio internacional, um domingo que jogava com um outro club de menor importancia, com grande surpresa dos colegas e do publico, foi vencido por 9 goals, todos quantos a ofensiva dos adversarios podia meter. Dissêram mais tarde que Mauser lhe oferecera vinte libras, a ele e ao keeper que o substituiu depois e que fez o mesmo em três desafios seguidos, por cada goal que deixasse entrar!

Assembleia secreta

Em 1930 um reporter do «Daily Graphic» foi avisado dum originalissimo e secreto congresso que se deve realizar no Clariton Hotel.

(Conclue na pagina 13)

Qual foi o maior misterio das grandes cidades, em 1931

III Série: **LONDRES**
e **OSLO**

O enigma dos três predios iguaes (em Londres)

EM Gower Street, rua aristocratica de Londres, quasi no extremo de Belford Squar—existem três predios seguidos, iguaes, pequenos—dois andares cada—que foram arrematados em lote em 1922. O primeiro, n.º 125, pertence ao italiano Amadeo Corsi, um solteiro desocupado com aspecto de rico. No 129—ultimo da fila—instalou-se um *cabaret*—«The Molino»—bem frequentado e discreto. O 127—o do meio—foi alugado por um casal—Mr. Hoverd e esposa—ambos quarentões, bem trajantes e pacatissimos. O marido saia todas

O caso de Gower-Street—Três visinhos que não se conhecem—Suspeitas...—Um cabaretier... inocente—A intoxicação por dever d'oficio—A porta falsa—3-1—Um pae nobre camiliano—Sonhos d'amor—A pior das lepras—O misterio do Cues—O velhocastelo norueguez

prisões de fregueses, creados e patrões—mas os presos provaram facil e rapidamente a sua innocencia—sendo imediatamente soltos. O que intrigava os detectives era o facto da casa ser minuscuala, ter todas as dependencias—até a cosinha e a cave—abertas ao publico. Se as falsificações saiam de lá—onde faziam?

Súbito—surgiu nova pista. O italiano Corsi—foi surpreendido a comprar material litografico. Para quê,—se era um desocupado? Uma noite, aproveitando a ausencia do italiano os detectives invadiram-lhe a casa. Não encontraram um só atomo suspeito. Seguiram-lhe todos os passos: Corsi não possuía outra casa, *garçonniere* ou mesmo um barracão onde ocultasse o material litografico que—era certo—continuava a adquirir, assim como tintas e papel. Um dos investigadores, agrilhoado pelo premio prometido a quem prendesse os falsificadores—resolveu entrar ao serviço de «The Molino» como creado. Um dia fingiu beber por engano uma solução forte de morfina destinada a um cliente—ficando gravemente intoxicado. Como era perigoso deixa-lo sair naquele estado—o patrão deixou-o pernoitar nas caves. A's três da manhã fechava o *cabaret*. Perto das quatro o detective ouviu um murmuro de vozes. Subiu cauteloso á sala do rez-do-chão e nas relvas surgiu, como que por encanto, um rectangulo lminoso, uma porta falsa, aberta na parede, oculta por um tarmario e que dava passagem para o predio visinho—o predio do meio, o predio de Mr. Hoverd. Este, a esposa, Corsi e o dono do *cabaret* tinham saído pela porta falsa fechando-a a seguir. O policia escutou pouco depois o ruido metalico e ritmico duma maquina de impressão. No dia seguinte estava preso todo o bando.

A organização era de facto genial,

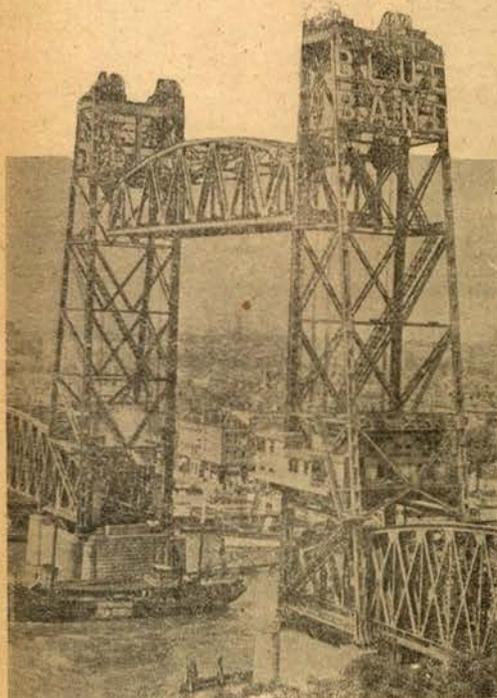
cansou pasmo a toda a Inglaterra e a imprensa considerou este acontecimento como a mais extraordinaria proeza de banditismo do ano findo. Corsi, o chefe, comprara os três predios; depois de abrir portas falsas que os ligava entre si, instalou-se no primeiro—e encarregou-se da compra do material. O dono do *cabaret*—instalou-se no ultimo—e tinha a missão de *passar*—aproveitando o movimento da casa e a *porta aberta*. No predio do meio—que era o menos sujeito a qualquer suspeita, estavam as maquinas e os *stocks*. Podiam desconfiar de Corsi ou assaltar «The Molino»; de quem nunca desconfiaram era do casal Hoverd—tão pacato, tão nobre, ela sem-

pre em casa, ele saindo todos os dias para o trabalho e só voltando ás 7... A's trez horas reuniam-se todos no predio do meio—e... fabricavam o seu producto...

O sequestrado (em Oslo)

A FAMILIA Wiester pertencia á pequena nobreza de Wernega e o seu actual chefe, Borgen-Wiester goza fama duma severidade que só peca por exagerada. Tendo sido governador militar de Oslo quando era ainda Cristianie—reprimiu uma greve revolucionaria com rara energia. O seu unico filho, Karl Wiester, preferiu a carreira de engenheiro tendo partido aos vinte anos para a Indo-China, por conta do governo francés. Na sociedade de Oslo esta viagem foi muito discutida. Era opinião corrente que Karl deixara a patria para se libertar da tirania paterna, dum rigor medieval e, sobretudo porque o pae o proibira casar-se com a mulher que amava, uma linda mas modesta e pobre burguezinha, cuja unica fortuna era a da pureza e sem outra celebridade que não fosse o ser irmã da actriz Charlotte Brunett. Ao partir Karl jurara á Eldith—assim se chamava a noiva—que voltaria em breve, independente, para realizarem o seu sonho de amor. Um irmão de Eldith—e de Charlotte—antigo condiscipulo de Karl i seu grande amigo—o engenheiro Cristiano Brunett, pertencendo á officialidade dum vapor mercante, tocara na Indo-China, de regresso da sua viagem ao extremo oriente, encontrando-se então com Karl, recém chegado á Asia, e trouxera á irmã a noticia de que o noivo continuava apaixonado e cheio de esperanças.

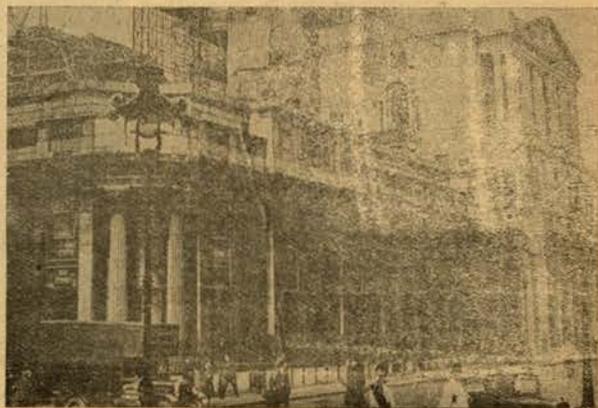
Decorreram meses. Subito Eldith deixa de receber noticias de Karl. Chorou julgando-o doente ou julgando-se esquecida. O tempo corre sempre—e o silencio mantem-se. O pae de Karl, que vive num castelo nos arredores de Oslo, recusa-se a dar noticias do filho. Entretanto o irmão de Eldith volta doutra viagem—e alarma-se. Investiga. O comandante dum vapor afirma que Karl regressou á Noruega yem



UMA VISTA INÉDITA DA CAPITAL DA NORUEGA,
A MARAVILHOSA OSLO

as manhãs ás 9—de chapen alto e luvas o que lhe dava aspecto de banqueiro; recolhia ás 7—e já não tornava a aparecer. Os trez visinhos faziam uma vida aparte, não se falavam, não se visitavam, como se não se conhecessem. O sr. Corsi parecia ignorar Mr. Hoverd; e nem um nem outro frequentava «The Molino»...

Ora bem. Em Janeiro de 1931 Scotland Yard foi avisada de uma série gravissima de falsificações. A policia poz-se logo em campo; mas apesar de ter a certesa de que os falsificadores formavam um só bando ou que o autor era um só homem—perdia-se nas trevas pela variedade constante do *genero* das falsificações. Umas vezes eram notas alemãs; outras obrigações de um banco; outra ainda *bons* do Tesouro, títulos ou obrigações. Em maio, a S. Y. recebeu denuncia de que algumas transações tinham sido efectuadas no *cabaret* «The Molino» e que muitos clientes, sobre quem pesava a suspeita de *passadores*, saiam de lá com os bolsos cheios de... *genero falsificado*. A policia investigou—e teve confirmação. Assalto;



LONDRES, A CIDADE DE MISTERIO E DO NEVOIRO

Qual foi o maior misterio das grandes cidades, em 1931

fevereiro de 1931. Um moço do cais embebedou-se numa taberna e conta que, em fevereiro prestou um serviço extravagante que lhe valeu algumas notas. O irmão de Eldith vai ao seu encontro, obriga-o a falar e ele revela o seguinte episodio. «Que o vapor «Skensko» abor-dara de noite; já de madrugada appareceu um auto particular apeando-se dele um sujeito de idade, bem trajado e tres homens tipo de creados de casa rica. Dirigem-se a bordo e saem cercando um rapaz, cujo rosto vem envolvido em rendas escuras. Dão a impressão de que o amparam ou que o levam à força. Um dos supostos criados chama-o a ele, moço, e encarrega-o de ir a bordo apenas umas malas. Ao gorgeteá-lo — cochicham-lhe ao ouvido. «Nem uma palavra do que acabas de vêr.» Coincidencia: o vapor «Skensko» é aquele cujo comandante affirma que trouxe Karl.

O irmão de Eldith toma a resolução de visitar o pai de Karl. Este recebe-o de maus modos, exalta-se, expulsa-o sem o il cidar. O jovem engenheiro não desanima. Vagueia em redor do castello. Descobre a existencia de um cubiculo onde vive apenas um gigante de má catadura que só o abandona — quando vem outro gigante substitui-lo. Sequestro? Crime? Misterio! Eldith revela tudo à policia. Esta, assustada com a influencia de Borgen-Wierter, tenta abafar o caso — ameaçando a pobre noiva. O irmão não se resigna e queixa-se aos jornais. Os reportes põem-se em campo e a campanha estala, sensacional, escandalosa. Durante dias não se fala noutra cousa. Em 5 de Setembro uma noticia surge e impõe-se à policia: Karl foi visto a passear de noite pela cerca, ensandwichado entre dois gigantes, como um prisioneiro. O castello é cercado, assaltado. O velho Wierter ao ver a policia cai, chorando, nos braços da esposa



XANGAI QUE AGORA É O PONTO DE CONGENTRAÇÃO DAS VISTAS DE TODO O MUNDO

— e exclama: «Meu pobre filho! É ele quem vai sofrer mais com tudo isso.» Eis o segredo de Karl. Karl, na ansia de enriquecer depressa — aceita trabalho em regiões perigosas. Um dia, nota na epiderme umas manchas violacias. Os medicos empalidecem. Ele fôra contagiado por uma especie horrivel de leproso, que só existe na Indo-China: os «belis». A belis é a pior da lepra e incuravel. A sua evoluçao é rápida — mas a agonia dura anos paradoxo cruel. Ao ver-se perdido, não quer que Eldith conheça a sua fatalidade e para que o esqueça, deixa de escrever-lhe. Pensa no suicidio — mas não pode morrer sem ver, pela ultima vez a patria e a mãe. Embarca no «Skensko» — ocultando a sua doenca ao comandante, porque do contrario não o deixariam embarcar. O pai vem esperá-lo e ele perde os sentidos, sendo conduzido em braços; e como compreende que o filho pensa em matar-se guarda-o, noite e dia, por dois enfermeiros hercules e especializados. Eldith ao saber a verdade, corre ao castello — mas Karl recusa-se receber-la. Nada mais sabemos sobre este drama — visto que, ao conhecer o seu segredo, toda a imprensa se calou, num piedoso silencio.

(Continua.)

LER NO PROXIMO NÚMERO:

«Os maiores mistérios de Shanghai; de Budapest, etc. de 1931.



Licença para ser porco

A Camara Municipal de Lisboa nestas alturas de vida difficil, tem conseguido impossiveis para angariar receita com que fazer face às despesas do primeiro municipio do pais. E então tem inventado posturas e licenças que merecem um registo especial pela innovação que representam.

Todos os prospectos que se distribuem pagam uma licença fiscal, espécie de selo sem o qual não podem ser distribuidos. Pois a Câmara Municipal resolveu que paguem tambem uma licença para poderem ser atirados para o chão e, assim, sujar a via pública. Verdadeira licença para serem porcos...

Uma vitória da ciência?

Morreu há pouco em Boston o dr. Eugénio Glowes, lente da Universidade de Harvard, uma das pessoas que mais trabalhou em todo o mundo para combater o terrivel flagello do cancro. A sua morte foi rodeada de circumstancias verdadeiramente misteriosas que fazem prever que tenha sido vitima de individuos que tem interesse em que a terrivel doenca não seja definitivamente combatida. Sempre que uma nova descoberta era feita pelo dr. Eugénio Glowes, era certo que ele recebia uma ameaça dizendo-lhe que não continuasse no mesmo caminho que lhe podia ser fatal. No entanto o illustre homem de ciencia continuava nos seus estudos e anunciou, há d'as, que havia feito descobertas importantes que muito modificaria a terapeutica do cancro. Foi a sua sentença de morte. No dia seguinte appareceu morto no próprio laboratorio. Que motivo a sua morte? Quem nela podia ter interesse?

É o que agora procura saber a policia norte-americana.

A matfada da companhia

Perguntam-nos alguns leitores o que há sobre a Companhia Nacional de Navegação. O que há?... Há uma companhia de vapores que não navegam, com directores que jogam ao sóco, com acionistas que não recebem dividendo, com empregados que não recebem a tempo e horas, e onde, segundo dizem os directores... tudo marcha em maré de rosas.

O que há sobre a Companhia Nacional de Navegação? Não há nada ou melhor, como se diria na canção, há isto tudo...

Hospitais Civis

Local nenhum, como os hospitais, precisa de pessoal bem disposto para o serviço e com o serviço, o que não poderá succeder se contra ele forem cometidas, injustificadamente, quaisquer injustiças. Vem isto a propósito duma representação que pelo pessoal respectivo foi entregue ao Director dos Hospitais.

«Está-se tratando, segundo é voz corrente, de reformar, os serviços de enfermagem dos hospitais civis, com o que plenamente concordamos, lesde que se reformem, melhorando-os. Não se nos affigura, porém, que se atinja este fim, se fôr por diante o proposito, que nos consta existir, de estabelecer, para os enfermeiros, um serviço de vela mantido durante três meses consecutivos. Até agora, esse serviço era feito em noites alternadas, dando-se, áqueles a quem competia, tempo para descansarem: Tanto mais que se trata de um trabalho violento e de responsabilidade, de to-la a conveniencia se oferece que o pessoal que o execute, quando não se mantenha folgado, ao menos não se esgote a executá-lo.

Três meses de noites perdidas representa, em quaisquer circumstancias, um esforço demasiado a exigir do organismo humano. Impô-lo equivale a criar um ambiente, quer fisico, quer moral, pouco propicio ao perfeito exercicio da função. Do esgotamento fisico resulta o mal-estar moral e, sobretudo, neste caso da enfermagem, em que os seus agentes precisam de aliar ao vigor a boa disposição, é de supor, até, que os serviços resultem prejudicados com a imposição referida. Piorando os enfermeiros, quanto á sua situação pessoal, não serão, decerto, os doentes que terão a ganhar, quanto á enfermagem, nem sob o ponto de vista da diligencia, nem do carinho, de que tanto carecem»!

Este número do "Reporter X" tem 16 paginas a duas côres, custa 1\$00 e foi visado pela Comissão de Censura

O êxito obtido pelo Concurso "Kolosso" do "Reporter X"

Ultrapassa todos os êxitos e alvoraçou todo o paiz

2.^a CAÇADA ÀS FERAS

Boa pontaria e... 4.000 escudos em dinheiro

MILHARES DE CONCORRENTES—A ALEGRIA DOS VENCEDORES

EMOÇÃO! RAPIDEZ! LUCRO!

PREPARAI-VOS PARA A SEGUNDA CAÇADA

NÃO eram exageradamente otimistas ao prefetisar que o nosso novo «Concurso Kolosso» oferecia ao publico um interesse capaz de o entusiasmar numa emoção superior ao que representou o enorme êxito das «Batalhas Navais». O ultimo numero do «Reporter X» sguardado com a maxima impaciencia pelo publico esgotou-se rapidamente, apesar do enorme aumento da tiragem que fizemos. As folhas dos concorrentes, tanto em Lisboa, como no Porto e Coimbra, formaram piramide, poucas horas após o lançamento do jornal.

Que os bons caçadores não percam tempo. Boa pontaria—e sorte! São 4.000 escudos semanaes em dinheiro para quem acertar! E é tão facil a

O cão, a avestruz, a raposa, o cavallo e a pulga.

Nesta hipótese, o leitor acertou nos cinco bichos e ganhou o primeiro prémio, mas suponhamos que o cartão apresentava os seguintes animais:

Baleia, «cavallo», zebra, «urso» e «a raposa».

O leitor só tinha acertado em três e, portanto, só ganhava o terceiro prémio. Compreendido?

(Conclue na pagina 13)

Fôrma do concurso

Todas as sextas-feiras, o «Reporter X» publica, além da lista de cincuenta animais da sua «Arca de Noé», uma senha de concurso com nove jaulas, igual à que segue, em que todos os leitores devem escrever o nome de nove animais entre os cincuenta indicados.

Por exemplo:

1	2	3
LEÃO	PULGA	CAVALO
4	5	6
CÃO	AVESTRUZ	URSO
7	8	9
TIGRE	RAPOSA	BURRO

Todas as 6.^{as} feiras, ás 10 horas da manhã, o Reporter X em Lisboa, na montra da «Havana do Calvário», Largo 20 do Abril, 27-28; Papalaria Camões—Largo Camões—na «Havana do Almirante», Rua José Faicão, 41 43; Em Coimbra: Tabacaria Silva, Rua Ferreira Borges, 41; no Porto: na Agencia de Publicações de Manuel da Silva Braga, na Praça da Liberdade, expõe vários envelopes, fechados e lacrados, nos quais se encontra um cartão com cinco jaulas, cada jaula com um animal, escolhidos entre os 50 da mesma lista.

Exemplo:

1	2	3	4	5
ÁGUIA	ZEBRA	GATO	BALEIA	MACACO

Na sexta-feira seguinte ás dez horas da manhã, esses envelopes serão abertos à vista do publico, revelado o seu conteúdo e exposto o cartão com os nomes dos cinco animais escolhidos.

Exemplificando:

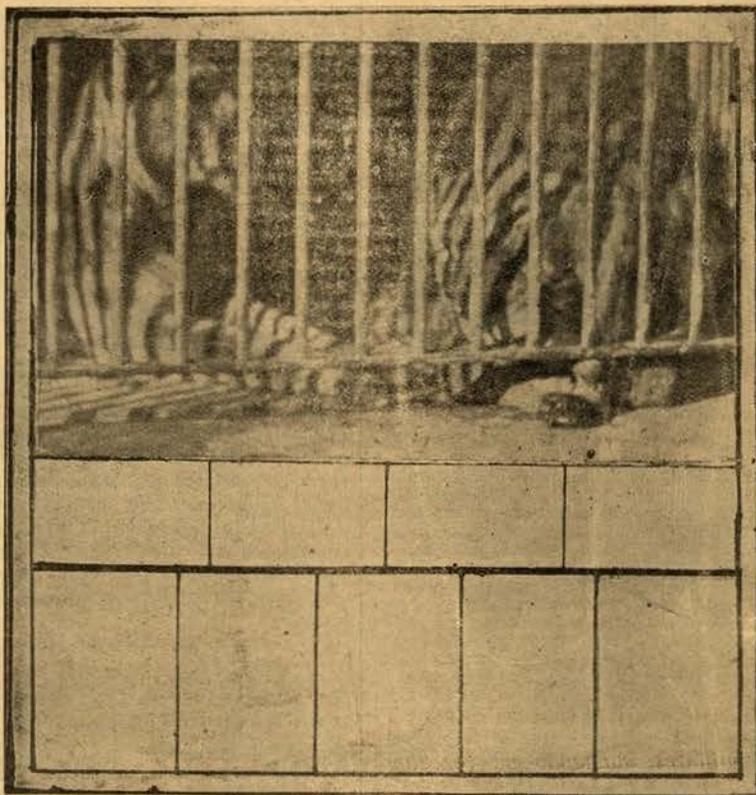
O leitor escolheu os seguintes animais:

O leão, a pulga, o cavallo, o cão, a avestruz, e urso, o tigre, a raposa, o burro.

E o envelope aberto na sexta-feira seguinte, enjaula os seguintes animais.

Folha da 2.^a «Caçada às feras»

AS 9 JAULAS ONDE OS LEITORES DEVEM ESCREVER OS NOMES DAS FÉRAS ESCOLHIDAS NA «ARCA DE NOÉ» DO Reporter X



Nome do concorrente

Morada

Numero

Localidade

Modo de ganhar

Tendo os concorrentes o direito de enjaular nove animais e, sendo necessário acertar apenas em cinco — a chance é muito superior à das *Batalhas Navais*. Todo o leitor de Lisboa, Porto, Coimbra ou provincia que, entre os nove bichos, tiver caçado os cinco enjaulados no cartão, ganha o primeiro prémio que é de 500 escudos (500 escudos para cada uma das três cidades e para a provincia).

Todo o leitor que entre os nove bichos tiver acertado em quatro, ganha o segundo prémio de 100 escudos (havendo dois prémios dessa quantia para cada uma das três cidades e outros dois para a provincia).

Todo o leitor que entre os nove bichos tiver acertado em três ganha o terceiro prémio, de 25 escudos (havendo oito prémios desta quantia para cada uma das três cidades e outros oito para a provincia).

Todos os leitores que entre os nove bichos acertarem com dois, terão um prémio de dez escudos (havendo dez prémios desta quantia para as três cidades e outros dez para a provincia).

Os prémios

Os 4.000 escudos, são divididos assim: 1000 escudos para Lisboa; 1000 para o Porto, 1000 para Coimbra, e 1000 para a provincia. Ora em cada zona, os 1000 escudos são divididos pela seguinte forma:

1 prémio de 500 escudos	500\$00
2 " " 100 "	200\$00
8 " " 25 "	200\$00
10 " " 10 "	100\$00

Condições do Concurso

Todo o concorrente deve cortar a folha que vai junta a este artigo e que contém a nove jaulas, nas quais se deve escrever a tinta nove nomes escolhidos entre os cinquenta bichos da lista que fornecemos a seguir sob o título de «Nossa Arca de Noé», registar o seu nome e morada e entregá-la até à quarta-feira seguinte, às dez horas, nos locais aqui indicados para a provincia, e nos escritórios, em Lisboa, sendo-lhe entregue, em troca uma senha numerada que o habilita ao prémio. Os concorrentes da provincia devem enviar a sua folha de concurso pelo correio, acompanhada dum selo de 25 centavos, de forma a estar em nosso poder dentro do prazo estabelecido

acima, para que lhe seja remetida a respectiva senha.

A lista dos concorrentes premiados será afixada nos mesmos locais dos envelopes, à hora da abertura. Os premiados deverão apresentar-se nos locais indicados de Lisboa, Porto, Coimbra, acompanhados da senha e de um retrato, sendo-lhes imediatamente entregue o prémio que tiverem ganhado. Os da provincia, serão avisados pelo correio, devendo enviar-nos a senha e o retrato para que recebam, na volta do correio, o respectivo prémio.

Atenção

No caso de nenhum concorrente acerte nos cinco animais, será considerado vencedor do primeiro prémio aquele que tiver acertado em maior número (quatro por exemplo), sendo o segundo prémio conferido ao seguinte (ao que tiver acertado em três, por exemplo) e assim sucessivamente.

No caso de haver em cada zona (Lisboa, Porto, Coimbra ou provincia) mais do que um vencedor do mesmo prémio, serão convidados a reunirem-se e a deliberarem se querem sortear entre si o prémio ou dividi-lo entre todos. Na hipótese de concordarem no sorteio, o que perder será recompensado com um prémio de consolação.

A «Nossa Arca de Noé»

Escolham nove animais entre os que se seguem . . .

1, Leão	18, Palha	35, Víbora
2, Tigro	19, Lobo	36, Serpente
3, Leopardo	20, Toutinegra	37, Pombo
4, Hiena	21, Andorinha	38, Peru
5, Urso	22, Catatua	39, Pato
6, Onça	23, Kanguari	40, Galinha
7, Crocodilo	24, Foca	41, Coelho
8, Búfalo	25, Giboia	42, Escorpião
9, Hipopótamo	26, Cegonha	43, Papagaio
10, Elefante	27, Sapo	44, Gato
11, Camelo	28, Lagartixa	45, Gato
12, Girafa	29, Beldia	46, Cão
13, Zebra	30, Tubarão	47, Burro
14, Águia	31, Colibri	48, Espadarte
15, Mocho	32, Raposa	49, Orangotango
16, Pelicano	33, Cavalo	50, Macaco
17, Avestruz	34, Chimpanzé	

Preparai as vossas pontarias. Podeis ganhar 4000 escudos todas as semanas a partir de hoje!

Quem escreveu as obras de Shakespeare

(Conclusão da Pag. 5)

Shakespeare nasceu em Stratford, em 1564 de pai e mãe analfabetos, só assinando de cruz.

Casa em 1582 com Ana Hathway, e em 1588 desaparece da aldeia onde nasceu e reside abandonando mulher e três filhos.

É em 1590 que publica o seu primeiro livro *Temas de amor perdidos* livro que só poderia ser escrito por quem conhecesse a vida e muito a corte dos Valois, conhecimentos que o antigo cabreiro não podia possuir, sem contraste desolador entre a obra e o pretensio autor.

Mas mais violento ainda, é o contraste entre a fraca cultura de Shakespeare e a intensidade e profundidade dos conhecimentos manifestados nas suas pretensas obras.

Nestas, mostra-se o viço do conhecedor de heráldica, da ceca, de esgrima, da arte militar, da teologia, da exquitação, e, até se mostra conhecedor dos problemas de direito! E como o direito a historia, a filosofia, a literatura, a matemática e ainda os segredos da diplomacia do seu tempo! Temos que confessar que tudo isto para um homem que ainda pouco tempo antes de fazer o primeiro livro era analfabeto, filho de pais absolutamente incultos, é demasiado. E a cultura desse homem misterioso que escreveu os livros que hoje ainda são atribuídos a Shakespeare era tão grande, que o seu vocabolário, riquíssimo, de 15.000 palavras, não foi ainda decido.

Quem foi então, o autor das sublimes obras?

Os escândalos internacionais de futebol

(Conclusão da página 9)

Correu para lá e soube pelos creados que, de facto, estavam reunidos numa sala do 1.º andar varios cavalheiros da provincia e de Londres. Afirma o citado reporter que conseguiu escutar a conversa dos cavalheiros e por ela concluiu que se tratava de uma reunião de «negociantes» de football afim de se sindicarem contra as *chantages* dos amadores que se vão oferecer o outro club para obrigarem o seu a aumentar-lhe a subvenção. Graças a este expediente—acrescentou o mesmo jornalista—um tal Jack Beli tem anos de fazer 3, 4 e 5.000 libras. Esse cavalheiro usa de outro processo ainda. Na véspera dos grandes desafios não quer jogar—a não ser que o «empresario secreto lhe dê um suplemento de X libras!!!

O artigo que inspirou este e a que nos referimos e que está causando o mais legitimo escândalo em Inglaterra, remata assim: «As estatísticas provam que mais de 20 milhões de individuos frequentam os desafios em toda a Inglaterra. Muitas vezes esses espectadores fazem verdadeiros desafios para poderem comprar o seu bilhete por preços exorbitantes. A receita do football, no nosso país (Inglaterra) rende, por ano mais de 45.000.000 libras. Que beneficio tira dessa fortuna o publico, ou o sport, se uma enorme parte dessa receita se escôa para os bolsos dos «negociantes»? Se não existisse essa fauna o publico teria esse espectáculo muito mais barato—e o proveito seria maior para o sport. Alem disso é um crime—porque se burla a sinceridade do publico. A Associação não ignora essas maniganças—mas não lhe convem hostilizá-las. Os fundos de reserva da Associação elevaram-se a 500.000 libras (que se saiba...) Alem disso, quantas fortunas não se fizeram ali dentro? O seu actual secretario, Mr. F. Wall possui só numa empresa 40.000 libras!!! Não nos admirava nada que a Associação se transformasse em «Banco Inglês de Football».

E nós?

Mas estes escandalos não são exclusivos da Inglaterra. Ainda ha pouco, em Berlim, a imprensa denunciou ao publico um *jogo* secreto entre dois clubs famosos—clubs de amadores—que combinavam perder ou ganhar—conforme conviesse ao negocio comum. Casos ha em que essa burla é realizada individualmente por um jogador—são numerosos. Nas vésperas das Olympiadas de Amsterdam o jogador italiano Toscani foi expulso por ter sido surpreendido a escrever uma carta em que ele acusava o recebimento de 15.000 libras... para perder! Em Barcelona, onde a *aficção* é tal que mesmo aos dias de semana se realizam desafios—com os campos apinhados—os negocios fervilham. O autor destas linhas foi visinho do celebre Zamora, na cave de Arenal assistiu a evolução da sua fortuna—e ao seu *trespasse* de club em club.

E nós?

Homens & Factos do Dia

(Conclusão da pag. 3)

Se revelei este viridico episodio foi na boa intenção de ilustrar com gravuras vivas esta lição de «arte de ser feliz»... E' que o bacilo da insatisfação, da inveja, do desespero de não sêr o que se queria sêr—está-se multiplicando-se em forma epidémica—e com frequentes desenlaces de alienação mental, sobretudo no nosso país. O mal veni de traz... O pobre Calisto, o Mr. de Puisse de Coimbra era outro exemplo... Quizera ser militar—e cortaram-lhe a carreira; Obrigaram-no a seguir uma vida que ele detestava. A obsessão da vida não vivida fazia com que êle, após a catédra, se fechava no seu gabinete e brincasse aos militares, sonhando em voz alta que estava num quartel dando ordens ou numa barraca de campanha cheirando batalhas. Mandava fazer fardas a Lisboa, vestia-as, aumentava aos galões á medida que os anos corriam e que êle calculava ter subido de posto...

Mas este—tinha a sua razão. Fôra uma vitima! Os outros são voluntarios. Tenham cuidado! Sigam o meu conselho—ou então acabam em Kilhafoles...

OS SEGREDOS DO PARLAMENTARISMO

Parlamentarismo alvo após a guerra, uma violenta campanha de descrédito de que ainda hoje está sofrendo, em todo o mundo, graves consequências. A Inglaterra, *cofre forte* da democracia—e do sistema parlamentar, defendendo, com energia conservadora, todas as suas tradições—é sempre sensível à evolução social, por muito longe que ela a leve... É curioso ver os efeitos que o entre choque das duas correntes mundiais em luta—a parlamentarista e a anti-parlamentarista, produziu na vida política da Grã-Bretanha. Muitos sociólogos consideram esse povo extraordinário—nos seus defeitos e nas suas virtudes como um engenho profético. Portanto, a atitude que a Inglaterra tomar ante a lucta social do mundo pode ser tomada como uma profecia da victoria ou da derrota universal do parlamentarismo—num futuro mais ou menos próximo.

INGLÊS E DA
CRISE MUNDIAL

porque o rei cumpre escrupulosamente a missão de fiscal da vontade popular. O director do «Daily Herald» que é comunista escreveu durante a ultima doença do rei a seguinte frase: No estrangeiro admiram-se que nós, comunistas ingleses defendamos Jorge V: É que Jorge V se preocupa exclusivamente em defender a vontade da maioria e é logico que nós lhe demos toda a força politica porque é essa a forma de nos fortalecermos.»

Admiramo-nos ao constatar que este Parlamento democratico guarda ciumentamente, na forma, as prerogativas reais. Muitas vezes se descreve a cerimonia da abertura duma sessão parlamentar pelo soberano, a pompa do «discurso do trono». O «arauto da Corôa» traz uma lista de leis votadas pelo Parlamento (menciona só os titulos). O rei por uma carta autografa e assinada pela sua propria mão e devidamente selada com a chancela do Estado, nomeia uma comissão de cinco membros, todos lordes, e da qual faz parte o Lorde Chanceler. No dia fixado, estes membros, com capas de purpura debruadas de arminho, tomam logar num banco da Camara Alta, acima do trono. O lorde Chanceler declara: «Sua Magestade quiz confiar aos lordes já citados a expressão da aprovação real das actas legislativas elaboradas pelas duas Camaras.» Em seguida um funcionario da Camara Alta, em traje de cerimonia, que usa o titulo de *Gentlemen Usher of the Black Rod* (mordomo do sceptro negro), dirige-se à Camara Baixa, bat à porta, entra e declara que os lordes desejam a presença dos membros das Camaras.

Victor Hugo, em «L'Homme qui rit» descreve o sistema parlamentar inglês, o servilismo da Camara Baixa, a soberania illimitada da Camara dos Lordes e dos proprios Lordes, toda a maquinaria social do Reino Unido, em tintas tão negras—que ficamos com a visão de que a democracia inglesa é apenas teorica; que o despotismo real e aristocratico é um barbarismo medieval; e que o povo é o mais infeliz e escravizado da Terra. Victor Hugo exagera. Embora no seculo XVIII não fosse o que é hoje—já era o país mais liberal da Europa; mas o que o torna verdadeiramente notavel é a resignação com que as classes dominantes aceitaram as mais arrojadas metamorfoses sociais, em tão curto espaço de tempo.

Conhecemos um inglês que nos disse: A patria para nós—é um sindicato. É justo que os socios desse sindicato o auxiliem e o defendam; mas o indispensavel é que o sindicato defenda e auxilie os seus socios! Todo o subdito britânico da classe média e do povo—pensa assim; e os outros, a aristocracia e o proprio rei não o ignoram. De aí—o espectáculo de constante previsto da politica inglesa.

Disraeli, o maximo politico de Inglaterra, no seculo XIX—o inigma intimo da Rainha Victoria—disse uma vez: A missão dos *gentlemen* é a de dirigirem, a de chefiarem. Se não o fizerem a sua existencia é inutil! Pois bem... Lord Kenworthy declarou ha poucos dias que «... a Inglaterra industrial, comercial, artistica, politica—governa-se sem necessidade dos *gentlemen*; a existencia dos *gentlemen* é um favor concedido pelo resto da população.»

Até 1924 nenhum ministro inglês deixara de passar pelo célebre d'Eton, o collegio mais aristocratico de Inglaterra. É que, o governo de Inglaterra era um monopólio da aristocracia e todos os jovens a ela pertencentes estudavam naquêl collegio. Em 1904 Jorge V viu-se na necessidade de organizar um ministério trabalhista sob a presidencia de Mac-Donnald ao qual só pertenciam guarda livros, ex-operarios e nenhum passara pelo collegio d'Eton, como é natural. Já no ano anterior se quebrara dramaticamente o ritmo secular quando lord Curzon, aconselhou o seu amigo Jorge V a pôr de parte o dogma tradicional e a confiar o governo a Baldwin, que não só não era aristocrata como pertencia à baixa burguezia. É uma revolução pacifica, mas mais profunda talvez, do que a russa. Há pouco tempo ainda o rei de Inglaterra confessava a um deputado operário: «Eu nunca me meto em politica. Limito-me a fiscalisar, se o sufragio não sair, a minima burla e se representada de facto a vontade da maioria do meu povo e a fazer com que, a vontade d'essa maioria seja respeitada mesmo quando erra. Se ela errou uma vez, as consequências desse erro a obrigam a acertar para a outra.» E assim o povo inglês, governando-se a si proprio na mai avançada das realidades sacca e respeita o regimen monarchico



FAZENDO CUMPRIR A LEI QUE EM INGLATERRA É IGUAL PARA TODOS



UM INTANGÍVEL AGENTE DA AUTORIDADE, EM INGLATERRA

Então, atrás do *speaker* revestido do seu traje arcaico, cabeleira, meias de seda e sapatos de fivela, o *sergeant of arms*, e alguns delegados dirigem-se ao chamamento à Camara dos Lordes onde ficam de pé. O *speaker* saída cerimoniosamente os membros da Comissão que respondem soerguendo os seus tricórnios. O arauto da Camara lê a carta autografa real relativa à nomeação da comissão e, a chamada do seu nome, cada um tira o seu chapéu. Segue-se um dialogo que parece extraído de um antigo e poeirento in-folio. A medida que o arauto da Corôa nomeia os titulos das leis, o arauto do Parlamento responde por uma antiga formula franco normanda que varia segundo o caracter da medida. «Lei sobre o aumento ao pessoal.—O Rei o quer—responde o arauto do Parlamento saudando a comissão.—Lei sobre o aproveitamento do gás na cidade de Manchester.—Seja feito como elle o deseja.»

Uma outra solemnidade muito curiosa tem logar todos os anos antes da abertura da sessão seguindo um cerimonial rigoroso. A sua origem remonta ao ano de 1605, quando se descobriu a conjura de Guy Fawks que queria fazer saltar o Parlamento. Cada ano, na data do aniversario (5 de Novembro), dize *yeomen* (guardas da Torre), portadores de lanternas do seculo XVII, inspecionam todas as dependencias à procura dos barris de polvora que podiam ter sido depositados pelos conspiradores, indo depois visitar o rei para lhe dizer que pode estar descansado... Recebem em troca uma refeição suculenta e bem regada. Genial quimico este que consegue ligar as mais retrogradadas tradições com as mais avançadas conquistas pulpares.

O grande exito das nossas reportagens

A nossa reportagem sobre «As tentativas de Afonso XIII para se aposar do trono de Portugal,» causou a mais viva emoção no nosso publico, tendo-se-lhe referido transcrevendo-a, e acrescentando-lhe por vezes pormenores curiosos, os nossos pressadornos colegas «Diario de Lisboa», «Voz», «Diario de Noticias», «A Montanha», do Porto, «Gazeta de Coim-

bra, que para o «Reporter X» tiveram palavras de elogio que agradecemos, e que são a prova de que continuamos merecendo o titulo de semanário das grandes reportagens,

Tambem o nosso colega «Republica» se referiu, transcrevendo parte, à reportagem que publicamos com o titulo Pepe não morreu envenenado! A todos os nossos agradecimentos,

Estalagens sinistras

Da "Pôsada do Mõcho" ao
"Flower-Hotel" de Londres

Um caso que apaixonou Inglaterra e uma dama que por um pouco, não tornava a falar...

Um dos logares-comuns do banditismo do seculo passado, foi sem duvida, o das «estalagens sinistras». Existiram ás grosas em todos os paizes: «La fonda del gato», em Espanha; a «Estalagem do Cavallo Cego», em França; a «Pomsada do Melro», em Flandres; e a mais celebre de todas, a do «Mõcho», proximo de Napoles, onde, de 1840 a 1862, foram assassinados, roubados e enterados nos campos visinhos, quarenta e tantos viajantes desprevenidos. No «Correio de Lyon»;

dar os londrinos que ao sabado saiem da cidade para fazerem o seu «week-end». Chamava-se «Flower-Hotel» o «Hotel Flör»—e eram seus donos uma senhora de meia idade e um sobrinho, Oscar Walter. Aos sabados e domingos, enchia-se. Durante a semana eram raros os hospedes. De Maio a Dezembro de 1931, a policia inglesa registou o desaparecimento de sete senhoras, entre 35 a 45 anos.

Todas elas eram solteirãs ou viuvas, possuiam alguma coisa de seu e gostavam de se divertir. As familias alarmavam-se com tão

longas ausencias—e a policia perdia-se em conjunturas quando, uma noite se apresentou em Scotland Yard uma senhora a fazer a seguintes declarações: «Chamo-me Alice Pocard, tenho 42 anos e sou solteira.

Em Dezembro conosci no «Splendor Hall» um jovem distinto, amavel, que se sentára ao meu lado e que travára conversa comigo. Não sei como, saimos juntos e como residio proximo—em St Paul Street, acompanhou-me. Tornamo-nos a encontrar—e um «flirt» nasceu entre nós sempre mui correcto. Nas vespas do Natal propoz-me casar-se comigo. Disse-me que era herdeiro unico de uma proprietaria dos arredores e que a tia me queria conhecer. Combinou-se a visita para a segunda terça feira de Janeiro. Veiu buscar-me de automovel e antes de chegar a Richemond (onde me dissera que residia a sua parente) pediu-me licença para mais meia hora de viagem—afim de ir buscar a tia que estava em Holde-in-Thamisa. Cedi e o auto parou frente ao «Flower-Hotel». A tia, muito gentil, disse-me: «Tem de perdoar mas em vez de jantarmos em minha casa, em Richemond, jantaremos aqui porque espero alguém.» Proximo da hora do jantar subiu comigo a um quarto para eu lavar as mãos. O sobrinho já estava nesse quarto. A tia fechou então a porta e eu, confesso, estranhei-os... Comecei a lavar as mãos—e não sei que pressentimento me obrigou a reviravoltar-me de repente... O que se passou então foi tão rapido que difficilmente sei explicar. Eles, sem esperarem a minha volta, avançavam para mim; a tia trazia um lenço na mão... Ao mesmo tempo ouviu-se o buzinar de um auto e a voz da criada, dizendo: «Vem gente! Vem gente!» Sorriram-se, mui palidos, e tentando suavisar a sua attitude—explicaram: «Esta pequena tem uma maneira de dizer as coisas!» No nervosismo em que estava, o sobrinho deixou cair um pe-

queno frasco que ocultava na mão; e logo, dando-me apressadamente o braço conduziu-me para fóra do quarto—mas não tão apressado que eu não sentisse um forte cheiro a cloroformio! «Toda eu tremia, procurando abafar o meu terror até chegar á sala de jantar. Os hospedes recém-chegados eram cinco rapazes—estudantes de Oxoford. Dirigi-me a eles: «Peço-lhes que não me abandonem e que me levem no seu carro para Londres!» Tia e sobrinho gaguejaram umas exclamações. Os estudantes, sem saber o que se passava—não hesitaram—conduzindo-me até aqui.

Quando a policia chegou a «Flower Hotel»—já tia e sobrinho tinham voado, mas não tardaram em apanhá-los.

Eis a confissão dos criminosos: Oscar Walter era amante de Frederck Leo—pseudo tia. Oscar vinha a Londres, conquistava uma dama, sem lhe revelar nunca o verdadeiro nome nem residencia. O *truc* da tia era a isca para as levar ao «Flower Hotel»; uma vez lá—já não saiam. O pretexto era sempre o mesmo... Espreitavam uma oportunidade, anestesiavam-nas, roubavam tudo quanto elas traziam e acabavam por matar. Neste momento a policia busca os cadaveres das vitimas—visto que os dois criminosos se negam a fazer declarações a este respeito, o que não os poupará da força.



no Monte Cristo», e até em conto do italiano Bracco e do português illustre Antero de Figueirêdo se evocam estas posadas do Crime e da Morte. Inverosimil é que esse genero de banditismo se repita, na nossa época—e sobretudo em Inglaterra. Pois bem: O povo inglês está vibrando de indignação ante a descoberta duma «estalagem sinistra». O caminho de Londres para Oxoford é cortado por uma estrada diagonal que conduz a Holme-in-Tamisa. Nessa estrada inaugurou-se ha cinco anos uma *coquette* vila destinada a hospede-

—em St Paul Street, acompanhou-me. Tornamo-nos a encontrar—e um «flirt» nasceu entre nós sempre mui correcto. Nas vespas do Natal propoz-me casar-se comigo. Disse-me que era herdeiro unico de uma proprietaria dos arredores e que a tia me queria conhecer. Combinou-se a visita para a segunda terça feira de Janeiro. Veiu buscar-me de automovel e antes de chegar a Richemond (onde me dissera que residia a sua parente) pediu-me licença para mais meia hora de viagem—afim de ir buscar a tia que estava em Holde-in-Thamisa. Cedi e o auto parou frente ao «Flower-Hotel». A tia, muito gentil, disse-me: «Tem de perdoar mas em vez de jantarmos em minha casa, em Richemond, jantaremos aqui porque espero alguém.» Proximo da hora do jantar subiu comigo a um quarto para eu lavar as mãos. O sobrinho já estava nesse quarto. A tia fechou então a porta e eu, confesso, estranhei-os... Comecei a lavar as mãos—e não sei que pressentimento me obrigou a reviravoltar-me de repente... O que se passou então foi tão rapido que difficilmente sei explicar. Eles, sem esperarem a minha volta, avançavam para mim; a tia trazia um lenço na mão... Ao mesmo tempo ouviu-se o buzinar de um auto e a voz da criada, dizendo: «Vem gente! Vem gente!» Sorriram-se, mui palidos, e tentando suavisar a sua attitude—explicaram: «Esta pequena tem uma maneira de dizer as coisas!» No nervosismo em que estava, o sobrinho deixou cair um pe-

Brindes e calendários

Recebemos interessantes calendários de parede da Papelaria Progresso, de Lisboa, da Vacuum Oil Company, de Lisboa, das Caves da Raposeira, de Lamego, Tipografia Caldense, L.da, Caldas da Rainha, que agradecemos reconhecidos.

O ultimo condenado á morte em Portugal

(Conclusão da pag. 6)

lonho e aflitivo que o prior de Marvão—caiu, fulminado com uma sincope. E assim, entre supplicios horribéis, acabou o maior criminoso do seculo XIX. Um mez depois, era abolida e pena de morte! Por um mez—Matos Lobo, que foi a ultima vitima dessa lei, o ultimo enforcado, teria salvo a vida! Depois da sua morte, o Tesoureiro dos Martires revelou uma confissão de arrependimento, assinada pelo criminoso, momentos antes do seu corpo se balouçar na forca...

O Porto progride

A visita de Mr. Philleas Fog ao Porto, ao contrario do que se supõe, não tem outro fim alem do estudo que este verdadeiro Glob-Trotter deseja fazer do estado de progresso em que está a Invicta. Sabemos que a nota seculo XX que mais o impressionou até agora foi o processo usado pela Agencia Barros & C., da Rua Mouzinho da Silveira 163-1.º que duma maneira notavelmente excepcional realiza hipotecas, vendas e alugueis de predios—com segurança e urgencia.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51 - LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo
SEMPRE SORTES GRANDES!!!

DePURATOL

SOBERANO
 REMEDIO DA
SIFILIS



TUBO
10\$00

Aprovado
 no estrangeiro
 por Juntas de Saude
 Registrado em numerosos paizes

**Sem dieta,
 nem resguardo**

23288



[Handwritten signature]